Nº 253
Ano 2
Coleção
TEXTOS
ACADÊMICOS
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

OS POETAS MORRERAM? A SITUAÇÃO DA POESIA DE REPENTISTAS NO SERIDÓ

Veralucia Vale da Costa

Centro Regional de Ensino Superior do Seridó
Campus de Caicó

NEM
UFRN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO REGIONAL DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ
CAMPUS DE CAICÓ

N-E-H UFRN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
5.170
C C H - A
Dpt.º de História
19.01.00

OS POETAS MORRERAM?
A SITUAÇÃO DA POESIA DE REPENTISTAS NO SERIDÓ

VERALUCIA VALE DA COSTA

Monografia submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conforme Res. nº 264/81 do CONSEPE, de 17-11-81, para fins de processo seletivo objetivando a inclusão de Professores Colaboradores na referência inicial de Professor Assistente. Dezembro/1981.

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL
NATAL, MAIO DE 1982

Deptº. História - NEH
ACERVO BIBLIOGRÁFICO
Labim/UFRN

NEM UFRN

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL
COLEÇÃO TEXTOS ACADÊMICOS, 253

REITOR: Prof. Diógenes da Cunha Lima
VICE-REITOR: Prof. Esequias Pegado Cortez Neto
PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO: Prof. Pedro Simões Neto
COORDENADOR DO PROGRAMA: João Afonso do Amaral
EQUIPE DE APOIO: Jacinta Leite de Oliveira
Pedro Gutemberg Pinheiro de Souza
Roberto Anderson da Silva
José Tavares Filho
Jonas Rodrigues do Nascimento

Costa, Veralucia Vale da.

Os poetas morreram? a situação da poesia de repentistas no Seridó. Natal, PRAEU, 1982.
42p.

Monografia (concurso) Univ. Fed. Rio Grande do Norte.

1. Literatura popular - Rio Grande do Norte Monografias. I. Título.

CDU 82-91(813.2)(043.3)

Labim/UFRN

NEH UFRN

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte mantém um programa de estímulo ao trabalho intelectual que nasceu da necessidade de valorizar e difundir a produção intelectual acadêmica. Consiste, basicamente, na reunião de todas as dissertações, teses e monografias elaboradas por Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, num espaço físico a que denominamos "Banco de Estudos Universitários" e que serve como fonte de consulta à toda comunidade acadêmica.

A partir da classificação desses trabalhos, uma comissão composta por membros do Conselho Editorial e representantes dos departamentos acadêmicos, seleciona obras representativas de suas áreas, para publicação.

O programa prevê a edição de duas coleções: Estudos Universitários, com livros impressos em off-set pela Editora Universitária e Textos Acadêmicos, reproduzidos pelo sistema de mimeógrafo, pelo grupo técnico da coordenação do programa, na sede da Pró-Reitoria para Assuntos de Extensão Universitária.

A UFRN pretende editar cerca de 400 títulos através das duas coleções, ao mesmo tempo em que publica um Catálogo Geral. demonstrativo de todo o esforço intelectual da comunidade universitária norte-rio-grandense.

É um programa ambicioso, mas simples e concreto como a vontade de fazer. Na medida em que estabelece um volume quantitativamente ousado de títulos para publicação, adota uma definição técnica no mínimo humilde para realizá-lo: a opção do mimeógrafo para a maioria das edições.

Há de ser reconhecido que a produção intelectual das Universidades tem sido dirigida para objetivos que escapam à produção ou transmissão de conhecimentos: promove currículos acadêmicos, ou é confinada em prateleiras. Em ambas as hipóteses, o ineditismo dos trabalhos conspira contra os seus verdadeiros desígnios.

Nosso programa atende ao objetivo maior de difundir o conhecimento assimilado ou produzido pela Universidade, revalorizando o esforço intelectual dos professores ao mesmo tempo em que estimula a sua aplicação. E nenhuma outra pretensão nos orienta.

Diógenes da Cunha Lima
Reitor

Labim/UFRN

Labim/UFRN

S U M Á R I O

- INTRODUÇÃO

1. O POETA CANTADOR

2. O POETA CANTADOR CLÁSSICO

3. O POETA CANTADOR ATUAL

4. MOTA E NASCIMENTO

4.1- A região do Seridó
4.2- Mota e Nascimento no Seridó
4.3- Sua Produção
4.4- Temática própria
4.5- Análise de uma temática

- CONCLUSÃO

- ANEXOS

- BIBLIOGRAFIA

Labim/UFRN

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura esclarecer alguns pontos do maravilhoso mundo da literatura popular que a muitos preocupa. Questiona-se: a poesia dos cantadores desapareceu, mudou-se ou simplesmente transformou-se?

Pretende-se analisar as inovações apresentadas na atividade de poetas repentistas, quanto ao estilo, gênero e temática.

Objetiva-se também localizar poetas cantadores seridoenses, nesta região, que se apresenta sem grandes nomes na literatura popular e o fato requer estudo. Dentro destas perspectivas, tenta-se diferenciar duas correntes distintas na literatura popular, os cordelistas e os repentistas, enfatizando-se os cantadores repentistas. Há uma pequena referência à literatura de cordel, quando cita-se o folheto "OS MARTÍRIOS DE GENOVEVA" e justifica-se esta inclusão, por ser necessário apresentar os dois mitos predominantes na temática da literatura popular a que ambos pertencem, como também caracterizar o poeta cantador clássico que nas cantorias funcionava como divulgador de cordel, utilizando-se dos romances que cantava decorado.

Atualmente, a profissão de poeta cantador parece ter-se tornado mais fácil, porque os meios de comunicação e transporte facilitam-lhe a divulgação.

Analisam-se dois textos de uma dupla, fundamentando-se

Labim/UFRN

nas idéias do professor Luis Tavares Junior, tiradas do livro "O MITO NA LITERATURA DE CORDEL". Haja visto que os mitos por ele estudados nas obras de cordel, reaparecem aqui nas obras de viola.

Para a realização do proposto, utilizou-se a seguinte metodologia: a) análise bibliográfica de obras gerais e específicas; b) levantamento de informações através de entrevistas com cantadores; c) informações de pessoas idôneas.

Encontram-se naturalmente, algumas dificuldades decorrentes da falta de bibliografia sobre a região do Seridó no panorama de viola. Torna-se difícil por isso, fazer um paralelo entre cantadores atuais e clássicos da região. Obtiveram-se apenas nomes que deixaram seus repentes imortalizados, através de pessoas mais velhas com a memória sadia, que foram transmitindo de geração em geração até que alguém os registrou.

Este trabalho foi desenvolvido: nos três primeiros capítulos caracteriza-se o poeta cantador, no último focaliza-se a região do Seridó, dando-se ênfase aos cantadores MOTA e NASCIMENTO. Analizam-se dois textos da referida dupla.

Labim/UFRN

1. O POETA CANTADOR

O Nordeste é uma terra de homens lutadores, inteligentes e cantadores.

Tem-se na oralidade dos repentes, a beleza secular do nosso povo, as transmissões culturais dos nossos antepassados.

Segundo os mestres da nossa literatura erudita, existe tanta beleza em ser cantador repentistas que, Luis da Câmara Cascudo afirma: "Representante legítimo de todos os bardos, menestréis, gleemen, trouvèeres, meinstersangers, minnesingers..." (1)

Encontra-se no entusiasmo do improvisador, geralmente homem de pouca escola e muita inteligência, a beleza do poetar, fazendo dos acontecimentos nacionais e internacionais assuntos das cantorias, levando sertão a dentro sua mensagem atualizada ao homem que prefere informações orais, por não saber ler, ou porque os meios de comunicação não atingem seu meio ambiente, ou ainda porque a linguagem oral precisa de menos esforços para ser decodificada. Eles são considerados, ainda hoje, repórteres populares, poetas com fibras nordestinas, fazendo do improviso, uma obra prima, que sensibilizou o respeitabilíssimo Manuel Bandeira que se confessa humilde, diante do cantador repentista, num poema retirado do seu livro "ESTRELA DA TARDE".

Ante-ontem, minha gente,
Fui juiz numa função
De violeiros do Nordeste
Cantando em competição
Vi cantar Dimas Batista

Labim/UFRN

Otacílio, seu irmão.
Ouvi um tal de Ferreira,
Ouvi um tal de João.
Um a quem faltava um braço,
Tocava cuma só mão;
Mas como ele mesmo disse,
Cantando com perfeição,
Para cantar afinado,
Para cantar com paixão,
A força não está no braço,
Ela está no coração
Ou puxando uma sextilha
Ou uma oitava em quadrão.
Quer a rima fosse em ina
Quer a rima fosse em ão,
Caíram rimas do céu,
Saltavam rimas do chão.
Tudo muito bem medido
No galope do sertão.
A Eneida estava boba,
O Cavalcante, bobão,
O Lúcio, o Renato Almeida;
Enfim toda a comissão.
Saí dale convencido
Que não sou poeta, não;
Que poeta é quem inventa
Em boa improvisação,
Como faz Dimas Batista
E Otacílio, seu irmão;
Como faz qualqeur violeiro
Bom cantador do sertão,
A todos os quais, humilde,
Mando minha saudação! (2)

Sente-se que a literatura popular na voz do cantador, não sensibilizou apenas Manuel Bandeira. Constata-se que Rui Barbosa foi admirador desta poesia. Existe em sua biblioteca oferecido pelo autor A. J. Castilho, a 1a. edição de "CANTADORES", com anotações feitas por ele. Isso prova que o livro foi lido e analisado, pelo então Conselheiro Rui Barbosa.

Outro fato que mostra como ele dispensava uma atenção especial aos cantadores, foram as visitas do trovador "CATULO DA PAIXÃO" Cearense, bom no repente, que cantou muitas vezes em sua própria casa. A respeito de Catulo escreveu Rui Barbosa, em 28 de fevereiro de 1921:

> Concordo, sem reservas com o Sr. Júlio Dantas no seu alto juízo acerca de Catulo Cearense, maravilhoso poeta, cujos versos, de encanto irresistível são o mais belo documento da natureza e da vida

Labim/UFRN

nos sertões brasileiros, que a sua musa enfeitiça e parece recriar. (3)

Analisando as palavras de Rui Barbosa, constata-se que para improvisar, o cantador não precisa de hora nem lugar apropriados, basta apenas uma viola, um parceiro, uma platéia, sua musa inspiradora vive sempre pronta e o verso sai alegre ou triste, dependendo dos que o ouvem, como também do estado de espírito do repentista. Como exemplo, cita-se o cego Aderaldo que no dia da morte de sua mãe, precisando de dinheiro para enterrá-la, convidado por uns viajantes que queriam ouvir seus repentes, com voz trêmula, assim se expressou:

Oh meu Deus do alto céu
Lá da celeste cidade
Ouça-me cantar à força
Devido à necessidade,
Aqui chorando e cantando
E mamãe na eternidade. (4)

O cantador canta sempre em linguagem sonora e simples os assuntos que lhe impressionam a sensibilidade viva. O verso registra emocionalmente os episódios que comoveram o ambiente social, provocando entusiasmo ou tristeza como: assasinatos, vaquejadas, crianças perdidas e encontradas mortas, exaltações religiosas, líricas e patrióticas. Produções espontâneas na autenticidade da inspiração e no sentimento determinante.

O poeta cantador,sempre existirá dentro de um contexto popular. Sente-se o entrosamento público x cantador. Pode-se considerar o público de cantorias como co-autor dos textos cantados; explica-se isto, porque ele como receptor decodifica a mensagem enviada pelo transmissor, no caso o cantador, completando-lhe o sentido através da interpretação do que está sendo ouvido. Justifica-se partindo do fato de que ambos são do povo e respiram a mesma ambiência sócio-cultural, e utilizam o mesmo código linguístico (linguagem popular).

Observa-se delinear-se uma diferença bastante acentuada, entre o escritor de cordel, ou seja, o escritor de verso e os cantadores repentistas. Nem todo cantador repentista é escritor de literatura de cordel, como também muitos autores de cordel não são bons repentistas.Essa posição foi assumida,pela classe de repentista, por sentirem que há diferenças indiscutíveis entre eles, como profissionais.

Labim/UFRN

Vê-se por exemplo Leandro de Barros, cordelista Caicoense, que não sabe pegar numa viola nem cantar repentes, enquanto Nascimento repentista não gosta de fazer versos. É mais fácil para o violeiro tornar-se escritor de cordel, do que um escritor de cordel tornar-se violeiro; o que deixa essa diferença mais visível é que o verso não é improvisado, os repentes são. O ritmo de viola vem sendo inovado, aparecem genêros novos com frequência; a técnica do verso não modificou-se. Escrevem-se versos hoje como escrevia João d'Atayde ontem.

Nota-se que há muitos pontos semelhantes entre essas duas correntes, como por exemplo, o repentista cantava o verso de cordel nas cantorias; as canções escritas hoje por repentistas, assemelham-se ao folheto cordelino. Justifica-se mostrando que ambos são considerados literatura popular, saída do povo para o povo.

Vêem-se nesses poetas repentistas, seres privilegiados pela natureza, que apanham no ar um mote e a partir dele, compõem com agilidade incrível a estrofe perfeita. Foi o caso de Francisco Mota que viajando com Chagas Aureliano, ambos repentistas em Caicó, ao atravessarem um rio pequeno, depararam-se com uma árvore gigantesca, que foi visto por olhos de artistas e serviu de mote, ficando assim eternizada na glosa popular. O mote logo foi feito: "Ninguém sabe a soma dos anos/ que este velho angico tem." Mota assim se expressou:

É um caso nunca visto
A idade desse angico
É tanto que até fico
Um pouco pensando nisto
Dizem até que quando Cristo
Entrou em Jerusalém
Já este angico também
Serviu de abrigo a ciganos
Quem sabe a soma dos anos
Que este velho angico tem? (mote) (5)

Não se pode desconhecer o valor dessa poesia, nascida da miscigenação das três raças, temperada pelo sofrimento e beleza da terra.

> Platão, Lutero, Montaigne, Lope de Vega, Rousseau, Goethe e Grimm, os maiores espíritos, como filósofos, como poetas, como intelectuais eruditos, sentiram o que há de graça, de ingenuidade, de frescura, de consolação e de profunda verdade na poesia do povo. (6)

Labim/UFRN

Sente-se que o cantor repentista tem seus méritos reconhecidos até na própria Academia Brasileira de Letras, reunião dos grandes vates da literatura erudita. Vê-se neste fragmento do discurso de Coelho Neto, homenageando Osório Duque Estrada na A.B.L.

> Se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por esses rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio. Chamem um cantor sertanejo, um desses caboclos destorcidos, de alpargatas e chapéu-de-couro, e peçam-lhe uma cantiga. (7)

Reúne-se tudo que foi dito sobre cantador nesta estrofe de César Coelho:

> É bem rico o violeiro
> E esta certeza o consola
> Valem mais que o dinheiro
> Seu verso sua viola. (8)

Labim/UFRN

FONTES CONSULTADAS

01. Francisco LINHARES e Otacílio BATISTA, Antologia Ilustrada. p. 25

02. _____. Antologia Ilustrada. p. 26

03. Revista Cultura MEC, Ano 10, nº 36, Abr/Jun - 1981, p. 13

04. Eduardo CAMPOS, Cantador, musa e viola. p. 21

06. Rodrigues de CARVALHO. Cancioneiros do Norte, p. 33

07. _____. Cancioneiros do Norte, p. 61

08. Leonardo MOTA, Cantadores, p. 01.

Labim/UFRN

2. O POETA CANTADOR CLÁSSICO

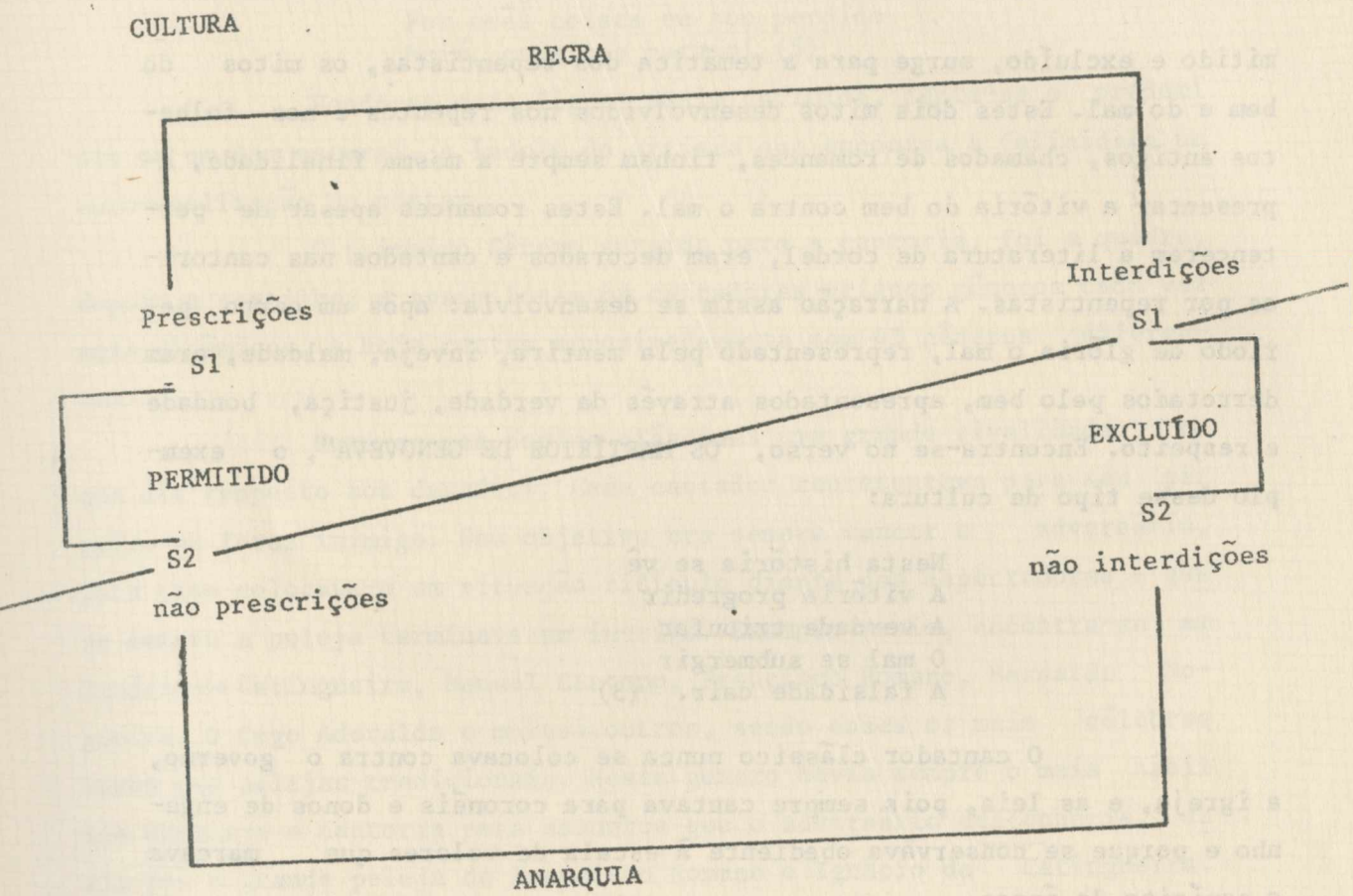
Na formação do Nordeste, tanto no litoral, como no sertão, embora ainda pouco estudado o português: Jesuíta, eclesiático, nobre, funcionário público, injetou seu Classicismo e Barroquismo, impregnados de Medievalidade.

Tomando-se por base os valores predominantes na sociedade clásica, resultado da impregnação injetada pelo português, analisa-se a posição do cantador, partindo-se de seus temas, dificuldades e seu compromisso com o público da época.

A temática do cantador é variadíssima, e está baseada na axiologia medieval, onde a honra, a lealdade, a fidelidade da mulher casada, a autoridade da igreja, a superioridade do Estado eram valores acatados e respeitados pela sociedade. O que era contrário a esse escola de valores, passava para o desrespeito. Pode-se até representar a estrutura elementar da sociedade Clássica, através do gráfico de Greimas, aceitando-se que a Cultura se opõe à Natureza:

Labim/UFRN

ESQUEMA 01



No gráfico - S1 = Sociedade que obedece às prescrições.
S2 = Sociedade que não obedece às prescrições, resultando em interdições.

Para explicar o gráfico de Greimar, considera-se o que Maria do Carmo Pandolfo comenta:

> A regra é um termo complexo que conjuga S1+S2, esta soma não esgota todas as possibilidades da cultura. É preciso admitir que o que não é proibido é permitido e postular sua inclusão no domínio da cultura. Assim o eixo das contradições S1...S2, seria de fronteira entre a Cultura e a Natureza, o esquema espacial desta recolhendo a anarquia e o excluído. (2)

Deste axioma que delimitava a sociedade da época em per-

Labim/UFRN

mitido e excluído, surge para a temática dos repentistas, os mitos do bem e do mal. Estes dois mitos desenvolvidos nos repentes e nos folhetos antigos, chamados de romances, tinham sempre a mesma finalidade, apresentar a vitória do bem contra o mal. Estes romances apesar de pertencerem à literatura de cordel, eram decorados e cantados nas cantorias por repentistas. A narração assim se desenvolvia: após um certo período de glória o mal, representado pela mentira, inveja, maldade, eram derrotados pelo bem, apresentados através da verdade, justiça, bondade e respeito. Encontra-se no verso, "OS MARTÍRIOS DE GENOVEVA", o exemplo desse tipo de cultura:

Nesta história se vê
A vitória progredir
A verdade triunfar
O mal se submergir
A falsidade cair. (3)

O cantador clássico nunca se colocava contra o governo, a igreja, e as leis, pois sempre cantava para coronéis e donos de engenho e porque se conservava obediente à escala de valores que marcava o espírito da época.

Além de entretenimento, os cantadores clássicos tinham também a função de transmitir fatos que marcavam a sociedade, serviam de repórteres, já que os meios de comunicação inexistentes ou escassos, não atingiam toda a região.

Nas cantorias além dos romances, havia os elogios aos presentes e cantavam outros gêneros existentes no estilo. As cantorias eram feitas nos mercados públicos, nas casas grandes das fazendas ou nas residências de donos de engenhos ou coronéis, em dias de festas, como: casamentos, batizados, aniversários e outras comemorações. Eles eram aceitos pela alta classe, somente como entretenimento, pois seu conceito moral não era dos melhores, como afirma Rodrigues de Carvalho na identificação do cantador: "Quase sempre desocupado, sem profissão classificada entre as classes laboriosas, boêmio por índole, valentão e desordeiro, seduzindo mulheres e dominando a canalha." (4)

O próprio violeiro ratifica seu conceito nesta estrofe do cantador Jaqueira:

Eu andei de déu èm déu
E desci de gaio em gaio
Jota-a-já queira ou não queira,

Labim/UFRN

Eu não gosto de trabaio...
Por três coisas eu sou perdido
Muié, cavalo e baraio! (5)

Vendo-se esta figura assim definida, sente-se o predomínio de um dom natural, a índole do artista que encontra a felicidade na auto-realização do poetar.

O primeiro Gênero surgido para a cantoria, foi a quadra, depois a sextilha, e assim foram os cantadores criando gêneros cada vez mais dinâmicos, e hoje cantam aproximadamente com 43 gêneros diferentes.

Nota-se nas duplas clássicas uma grande rivalidade no que diz respeito aos desafios. Cada cantador representava para seu parceiro um feroz inimigo. Seu objetivo era sempre vencer o adversário, para isso colocava-o em situação ridículo diante dos espectadores e quase sempre a peleja terminava em intriga. Exemplo assim, encontra-se em Ignácio da Catingueira, Manuel Caetano, Francisco Romano, Bernardo Nogueira, O Cego Aderaldo e muitos outros, sendo esses os mais célebres nomes das pelejas tradicionais. Neste gênero havia sempre o mais hábil que desviava a cantoria para assuntos que o adversário desconhecia, assim foi a grande peleja de Francisco Romano e Ignácio da Catingueira. Romano começou a Peleja assim:

Negro me diga teu nome
E onde és morador
Se és casado ou solteiro
Se és escravo e tens senhor
Fala com sinceridade
Que eu quero ser sabedor
(ROMANO)

Em casa do meu senhor
Compro vendo e faço feira,
Aqui está seu servo e criado
Ignácio da Catingueira.
(IGNÁCIO)

Continua a peleja um sempre tentando derrubar o Outro. Como Romano sabia ler e Ignácio era analfabeto, aquele tentou tirar partido derrubando ignácio, rebuscando seus versos com palavras difíceis aprendidas nos livros. Ignácio bom no repente, mudou o Gênero e terminou vencendo seu adversário no galope. Foi esta a última estrofe do debate:

Sou de emboladas
Sou da Catingueira

Labim/UFRN

Ignácio, tua carranca
É bala de madeira,
Minha faca corta,
Meu facão trabalha
Ele corta, ela verga
Mas não torso perigo
Venci a batalha (6)
(IGNÁCIO)

Conta-se também uma grande peleja entre Zé Pretinho e o cego Aderaldo. Sendo o cego mais hábil vence Zé Pretinho no travalíngua que diz assim: " CARA A PACA PAGARÁ/ QUEM A PACA CARA COMPRA". Zé Pretinho após vários pedidos de repetição tentou cantar o travalíngua e saiu-se assim:

.....
cego agora eu aprendi
cantarei a paca já
tu pra mim és um borrego
no pico dum carcará
quem a paca... capa... paca
paca... pa... ca pagará.

O povo explodiu numa gargalhada e Zé Pretinho tentou agredir Aderaldo, mas foi detido pelos assistentes. O cego ainda zombou do seu derrotado nesta estrofe:

Senhores, vocês que enxergam
Me faça um pedidozinho
Me dê notícia da fama
Do cantador Zé Pretinho:
Eu hoje tirei-te o roço,
Arreda pra lá, negrinho,
Vai descansar teu juízo
Que o cego canta sozinho. (7)

Há hoje uma grande dificuldade enfrentada pelos pesquisadores, para provarem até onde vai a verdade dessas informações. Dizem os repentistas atuais, como foi a informação fornecida por repentistas residentes em Caicó, que essas pelejas muitas vezes não passam de ficção. Segundo os informantes, nos congressos de cantadores realizados no Nordeste, prova-se que essas pelejas de 03, 08, 10 dias não aconteceram, foram criadas por um só poeta, que inteligentemente criou e publicou. Sente-se a verdade da informação numa peleja escrita por João Martins d'Atayde e Leandro de Barros, que depois foi desmentida na capa de um folheto de Leandro: "Afirmo que nunca tivemos essa peleja e que nem conhecia esse tal de D'Atayde."

Encontra-se ainda na cantoria clássica, a falta de regras estabelecidas. O poeta não tinha obrigação de pegar o verso seguin

Labim/UFRN

te na deixa, nem muito menos de dar sequência à estrofe, precisava apenas de rimas, estas mesmas toantes, sem nenhuma sequência lógica. Como consequência disso, encontram-se verdadeiros poetas do absurdo, como se apresenta aqui Zé Limeira, quando cantava com José Gonçalves, desenvolvendo o seguinte mote: "Nem a polícia me empata/ De chorar na cova de la." Gonçalves inicia o verso:

Ela era minha estrela
A rosa do meu jardim
Por isso estou triste assim
Sentindo a dor de perdê-la
Nunca mais poderei vê-la
Na noite desta parcela...
Não me liberto daquela
Saudade imensa que mata
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela — mote

(José Gonçalves)

Limeira respondeu desordenadamente:

Me vala frei Damião
Minha negrinha morreu
Por isso o que sucedeu
Me vala, senhor São João
Na porteira do mourão
Se abriu-se minha cancela
Morri eu e morreu ela
A burra danou-me a pata
Nem a polícia me empata
De chorar na cova dela — mote

Outro exemplo de disparate de Zé Pretinho, encontra-se nessa estrofe:

Conheço demais o rio Paraíba
Que nasce sozinho, lá dentro da praia
Parece um cambito de pau de "cangaia"
As suas enchentes tem mel de tubiba;
Na frente recebe o rio Furiba;
Que passa correndo pra Mandagascar;
Alaga Recife, demora em Dacar
No tempo do inverno é seco demais
Foi quando "Oliveira" enfrentou Ferrabrás
Que luta pai d'égua na beira do mar. (8)

Constata-se que os cantadores que viveram nos fins do século passado e início deste, tiveram que enfrentar muitos obstáculos no cumprimento de suas profissões. Bons repentistas perderam-se no anonimato, por viverem em pés de serras ou pequenas fazendas no interior, onde os meios de transporte ou não existiam ou não chegavam lá, sendo por isso impossível vencerem as grandes distâncias.

Labim/UFRN

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01 - Luíz Tavares JÚNIOR, O mito na Literatura de Cordel, p. 23

02 - _____, O mito na Literatura de Cordel, p. 23

03 - Leandro Gomes de BARROS, Os Martírios de Genoveva, p. 22

04 - Rodrigues de CARVALHO, cancioneiros do Norte, p. 17

05 - Leandro MOTA, Cantadores, p. 10

06 - Alberto PORFÍRIO, Poetas Populares do Ceará, p. 101.

07 - Leandro MOTA, Cantador, p. 42.

08 - Rodrigues de CARVALHO, Cancioneiro do Norte, p. 351.

Labim/UFRN

3. O POETA CANTADOR ATUAL

Àssim como o poeta clássico, o atual tem suas dificuldades e limitações.

Em relação à temática, ele vive hoje duas realidades: a tradicional que não deixou suas raízes-medievais, onde a honra, a fidelidade, a verdade, a religião e o Estado são valores dominantes e do outro lado, a incorporação de temas político-sociais, apresentando nossa realidade através de críticas severas e até mesmo satíricas ao governo, à igreja e, às próprias bases sociais. Esses temas vão da inflação à ecologia, da corrupção à luta sindical.

Com base na afirmação, podem-se dividir os temas em: tradicionais, que são aqueles relacionados com fatos do passado, mas que voltam sempre à memória do povo, como, vaquejada, seca, cangaço, amor e saudade, e os circunstanciais, acontecimentos contemporâneos que têm repercussão na população. Como exemplo, cita-se o atentado sofrido pelo papa João Paulo II, que foi transformado em canção por Sebastião da Silva e Moacir Laurentino:

.....
Teve um mal em troca
Das boas maneiras
Das mãos traiçoeiras
Ninguém se defende.

Como nos fatos jornalísticos os dados fornecidos são precisos e objetivos. Vê-se nessa estrofe do mesmo autor, sobre o mesmo assunto:

Labim/UFRN
Dept° História - NEH

.....
Diante aos perigos
Não achou amparo
E parte os disparos
Das mãos assassinas. (1)

Observa-se um tema que vive um axioma medieval, Deus centro de tudo, o homem marginalizado, sem direito de penetrar no universo, lugar reservado para Deus. Esta estrofe de Roque Machado, mostra a incredulidade do homem em relação à viagem à lua, divulgada em 1969:

.....
A ciência do homem, hoje em dia,
Está querendo explorar outros planetas
As estrelas, os satélites e cometas
Contra as ordens de Deus que tudo cria
... Se enfurece a metereologia
E vem ao mundo dos vivos fazer guerra
Mas, a nave gigante não se emperra
No espaço furando como puá...
Se a ciência do homem for à lua
Vai haver diferença aqui na terra... (2)

Sente-se que o cantador está em expansão no Nordeste. Afirma-se isso, porque há em nossos dias, o interesse dos órgãos matenedores do folclore, juntamente com as Universidades Brasileiras, principalmente as nordestinas, e ainda ajudado por nomes como: Luis da Câmara Cascudo, Tarcísio Medeiros, Veríssimo de Melo, Ariano Suassuna e muitos outros estudiosos do nosso folclore, que procuram dinamizar e divulgar através de suas obras e dos meios de comunicação, nossos poetas repentistas, fonte de inesgotável riqueza folclórica. Essa divulgação deve-se também ao fato de as Universidades promoverem Congressos onde incentivam o aparecimento de novos valores e a valorização profissional dos que já vivem da profissão. Registra-se aqui a la. JORNADA DE CORDEL E VIOLA, promovida no ano de 1981, pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, tendo como reitor o professor DIÓGENES DA CUNHA LIMA. A jornada foi organizada pela PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA SUB-PROGRAMA DE CULTURA POPULAR, representado pelo professor PEDRO SIMÕES NETO, sendo as apresentações feitas em Natal, Caicó, Macau, Currais Novos. Em caicó apresentaram-se: Francisco Mota, Pedro Santa Helena, Cícero Nascimento, Lúcio da Silva, Louro Branco, Carlos Alberto, Pedro Ferreira, Sebastião da Silva. Ficou registrado o mote que foi entregue pela platéia à dupla Nascimento e Lúcio da Silva, que maravilhosamente souberam improvisar sem se complicarem com a situação: "JÁ QUEREM DEMOCRACIA/COM GENERAIS NO PODER". Iniciando Nascimento can

Labim/UFRN

ta assim:

Do jeito que está sendo
Acho difícil demais
Porque são os generais
Quem estão desenvolvendo
Estejam ou não estejam fazendo
Pois eu não posso entender
Isso é bem ruim de ser
Tudo que o povo queria
Já querem democracia
Com generais no poder mote
(NASCIMENTO)

Lúcio continua afirmando:

Estejam com o general patente
É quem sabe trabalhar
E também nos ajudar
Botar o Brasil p'ra frente
Por aí ainda tem gente
Que não sabe entender
Que tudo quer disfazer
Lhe digo na cantoria
Já querem democracia
Com generais no poder mote
(Lúcio da Silva)

Vivem hoje, nossos cantadores, participando de Congressos para aperfeiçoar o estilo, e conhecerem as inovações dentro da arte como os promovidos em: RECIFE, PATOS, CARUARU, MOSSORÓ, através da Casa do Cantador, NATAL, CAMPINA GRANDE, atual ponto de convergência de poetas cantadores. Nestes congressos há regras rigorosas para provar o grau de improvisação do repentista. A ele são dados vários temas, sobre qualquer assunto e ele tem que fazer o verso dentro dos pontos básicos do mote, que são: oração, métrica e rima.

A rima obedece a uma certa sequência lógica. Não é necessário encontrar apenas terminações iguais, deve haver coerência com as palavras rimadas. Por exemplo, o repentista tem que rimar Pará com Paraná, cantar com ar ou lugar. Nos clássicos essa rima era toante, podiam rimar Ceará com cantar, com luar, e assim por diante, sem preocupação com o sentido semântico das palavras empregadas.

A métrica é a contagem das sílabas para que a estrofe possa ser cantada dentro do ritmo da viola. Vê-se a preocupação com a métrica nesta estrofe do cantador ODILON:

O homem quando é poeta
Só faz verso medido
Nunca faz curto demais
Nem também muito comprido

Labim/UFRN

Sendo de menos não presta
Sendo demais é perdido (4)
(ODILON)

A oração é o encadeamento do assunto pelas estrofes. Se o mote fala em sertão, por exemplo, todas as estrofes relativas ao mote, devem versar sobre o mesmo assunto. Constata-se nestes versos de Clodomiro Paes, numa cantoria com Otacílio Batista, na Rádio Tabajara, onde Clodomiro exaltava o sertão alegre e poético. Terminou o verso assim: "No meu sertão há Reisado/ Vaquejada e apartação. "Otacílio seguiu a oração e continuou improvisando:

Coisas raras no sertão:
Um lar que não tenha rede,
Um grilo um grilo no pé duma parede
Jumento morrer de fome
E bode morrer de sede. (5)

Outro ponto básico para um repentista é saber pegar na deixa, última palavra da estrofe do companheiro; mostra-se esta estrofe de Chico Mota e Sebastião Eduardo, numa cantoria da vila Tenório no Cariri Paraibano. Eduardo terminou o verso assim: "Cantador ruim deste jeito/ Não mora na minha cidade".

Mota pegando na deixa, rebateu o colega dizendo:

É certo sua cidade
Você acha muito bela
Mas eu me sinto até mal
No dia que eu passo nela
Quanto mais querer morar
Numa porqueira daquela (6)
(FRANCISCO MOTA)

A cidade a que ambos se referiam, era Equador no Rio Grande do Norte.

Os poetas cantadores atuais, têm que lutar contra muitos preconceitos. Um deles é a marginalização por parte da classe rica e média, que na euforia de alfabetizados, mesmo que não sejam leitores assíduos de jornais e revistas, os desprezam ao nível dos semi-analfabetos. Este preconceito está sendo vencido gradativamente graças ao trabalho de conscientização dentro das próprias Universidades, e a melhoria do nível intelectual dos nossos cantadores. Muitos já chegaram às Universidades, como é o caso do Mossoroense Crispiniano Neto, formado em Agronomia, que deixou a profissão para ser violeiro, dirige hoje a Casa do Cantador, em Mossoró, e escreve para vários jornais do Estado e Periódicos Universitários, sobre cordelistas, sobretudo cantadores. Há

Labim/UFRN

outros nomes como: Dimas Batista, Antonio Ferreira, Pedro Bandeira, Apolônio Cardoso.

Outro grande obstáculo que está sendo vencido por eles é o rádio de pilhas. Transmite as notícias com rapidez e atinge a massa, por isso tornou-se um dos grandes rivais do poeta repórter. No entanto, como vate inteligente não se deixou suplantar, e aproveitou esse veículo para fazer da sua arte uma graciosa obra de jornalismo poético. E assim a cantoria foi adaptada aos meios de comunicação e estendeu-se até às redes de televisão. Nesta afirmação de Franklin Maxado, encontra-se a ratificação do que foi dito: "Atualmente, eles não são mais os párias da cidade grande. Eles saíram das fazendas, vilas e pequenas cidades para se terem em programas de rádio e se apresentarem em teatro e televisão".(7)

O cantador moderno tem de ter conhecimentos gerais, visto ser ele convidado para fazer apresentações, encontrando muitas vezes um público de nível intelectual como: professores, doutores, universitários e por isso exige mais destes artistas que se consideram ainda repórteres populares, como provam estes versos da seguinte estrofe:

Eu vou escrever a estória
Dum moço da minha terra
- Os campos da Boa Vista
Que cego da luz dos olhos
Passou a vida à cantar
Até que força brutal:
A força policial
Deixou seu corpo sangrando
Dentro do campo natal (8)

Em algumas cantorias, continua o mesmo ritual de antigamente. A dupla se apresenta, num bar, em casa de família ou em casas comerciais, contratada pelo dono da casa. A paga geralmente é feita colocando a bandeja à frente dos desafiantes. Já se encontra cantoria ingressada, isto é, com a venda de ingressos. Os preços são populares, variando de Cr$ 20,00 a Cr$ 50,00 para mulheres e de Cr$ 50,00 a Cr$ 100,00 para homens. Nas cantorias atuais o gênero foi inovado. Antes os repentistas cantavam em quadras, hoje em sextilhas, não existindo mais os célebres travalínguas, usados para atrapalhar o companheiro que a todo custo tinha que ser vencido. Hoje, como explica Nascimento, a peleja é mais civilizada, há na dupla uma preocupação como o outro, nunca existe o vencedor. Animam a platéia com críticas pessoais, inofensivas, e terminam se elogiando.

Labim/UFRN

Antigamente a rivalidade das duplas vinha da falta de conhecimento dos elementos envolvidos na cantoria, pois viam no parceiro mais um inimigo. Hoje para se formar uma dupla, há requisitos indispensáveis como: igualdade de nível poético, confiança e ajuda mútua, respeito de ambos como profissionais e aceitação por parte do público. Não se pode dizer que há duplas permanentes, o próprio público os separa. No entanto, formando duplas com diferentes cantadores, eles obedecem aos requisitos citados.

Ocasionado pelo próprio progresso e sobretudo pela limitação da sociedade em relação ao tempo destinado ao lazer, o repentista teve que criar um outro tipo de narrativa que também comovesse o público e fosse executado em menos tempo, para substituir o romance nas cantorias. E assim surgiu a canção. Ela é vendida nas feiras, onde um camelô com uma aparelhagem moderna de som, canta as canções e vende seus produtos. Já há um número incalculável de canções, sente-se que elas obedecem a temática clássica dos romances, não podendo com eles serem identificados, porque as canções são poemas geralmente com 12 a 15 estrofes, impressos numa só folha de papel. Com a saída do romance das cantorias, afastam-se mais as duas linhas da literatura popular: repentistas e cordelistas.

Observa-se que a Igreja Católica continua como na Idade Média, um valor para um certo número de cantadores, embora alguns já a critiquem como fazem com o governo, as leis, a educação. Geralmente nas Emissoras de Educação Rural Nordestinas existe um programa de violeiros, onde os santos são sempre invocados a consentir na fluência dos versos improvisados, isto continua uma herança dos repentistas clássicos. O Bispo D. Manuel Edilson da Cruz, fez um elogio aos repentistas, na Emissora de Educação Rural de Alagoas. Ele disse no seu discurso: "Cantem estas coisas, meus irmãos... Cantem vocês estas coisas que Deus lhes dará inspiração porque Deus está com vocês". (9)

Vale salientar que em Piauí, existe um padre repentista por nome Matozalém. Apresenta-se todos os anos nos Congressos de Teresina e concorre com os [illegible] no mesmo pé de igualdade.

Labim/UFRN

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01 - Sebastião da SILVA e Moacir LAURENTINO, LP, Atentado a João Paulo II

02 - Francisco LINHARES e Otacílio BATISTA, Antologia Ilustrada, p. 43

03 - Fita Gravada na Ia. JORNADA DE VIOLA E CORDEL, em Caicó, 1981

04 - Odilon Nunes de SÁ, Detalhe de um poeta, p. 40

05 - Francisco LINHARES e Otacílio BATISTA, Antologia Ilustrada, p. 416

06 - Informação oral do autor

07 - Franklin MAXADO, O Que é Literatura de Cordel, p. 101

08 - Newton NAVARRO, ABC do Cantador Clarimundo, p. 13

09 - Alberto PORFIRO, Poetas Populares e Cantadores do Ceará, p. 27

Labim/UFRN

4. MOTA E NASCIMENTO

Encontram-se residindo em Caicó, dois nomes distintos, entre os poetas populares Seridoenses. Apesar de Paraibano, vivem nesta cidade há muitos anos, animando e embelezando o Seridó, parte da Paraíba e alguns recantos do Ceará e Pernambuco, com suas violas e seus repentes.

Francisco Fernandes da Mota, paraibano de Catolé do Rocha, nasceu em 1925. Sua 1a. cantoria foi na cidade de Augusto Severo, no Rio Grande do Norte, em julho de 1949.

Em 1955 casa com D. Hermínia Joaquina, também paraibana, de São Bento e tiveram 10 filhos.

Pela elegância do seu verso, Chico Mota, como é conhecido, já apresentou-se com grandes nomes do panorama de viola como: Otacílio Batista, Antonio Nunes de França, Severino Feitosa, Sebastião da Silva, Moacir Laurentino e outros, tendo participado de vários festivais de violeiros em Campina Grande, Mossoró, Cajazeira e Caicó.

Chico Mota é filho de Henrique Ferreira da Mota e D. Maria Elvira Fernandes. Seu pai mestre escola, precisava morar geralmente longe de casa, pois era contratado como professor nas fazendas dos coronéis, para ensinar a ler e escrever, aos filhos dos que tinham dinheiro para pagá-lo. Com este dinheiro sustentava a família de bens materiais. As dificuldades dos meios de transportes tornavam as distâncias obstáculos intransponíveis, e assim seu pai ficava o mês inteiro sem poder vir em casa e quando vinha era apenas para trazer dinheiro,

Labim/UFRN

voltando em seguida. E assim Chico Mota crescia sem saber ler nem escrever. Uma inteligência privilegiada não o deixou nas trevas do analfabetismo. Autodidata, aprendeu sozinho a ler, escrever e contar nos livros de seu pai.

Esse vate da nossa cultura popular, vive hoje aos 56 anos, com a viola ao peito, ainda dedilha sextilhas, mourões, desafios e outros gêneros atuais. Porém hoje, não vive só do "pinho". Possui uma indústria de redes e divide seu tempo entre as duas profissões. Sente-se que Mota não peregrina mais com tanta frequência como fazia antigamente, de cantoria em cantoria, pois sua indústria o prende muito e seus anos também já estão pesando. Tem ainda seu Programa na Emissora de Educação Rural de Caicó e atende a algumas cantorias na região.

Cícero Manoel do Nascimento, é bem mais moço que Mota. Nasceu em 1938, na vila Salgadinhos (PB).

É muito aceito na região e como vive somente da profissão de violeiro desde 1958, quando fez sua la. cantoria na terra natal, lidera um grupo de violeiros e funciona como empresário, arrumando e contratando as cantorias, em várias cidades, vilas, povoados e fazendas em todos os recantos do Seridó, Agreste, Brejos e Litoral do Nordeste. Nascimento canta em dupla com muitos repentistas dentre eles estão: João Luís, Valdir Teles, Zé Gomes, Lúcio da Silva, Louro Branco, Pedro Ferreira (Pedro Santa Helena) e José Monte.

Tem participado de muitos festivais e Congressos de violeiros, realizados em todo o Nordeste.

Nascimento, como é conhecido, já fez parceria com muitos poetas repentistas de renome como: Severino Feitosa, Sebastião Dias, Pedro Bandeira, Geraldo Amanso, Vitorino, Ivanildo Vila Nova, Lourival Batista, Pinto Monteiro e outros.

4.1. A Região do Seridó

Entre as regiões que formam o Rio Grande do Norte, uma está encravada no Centro Sul banhada pelo rio que lhe dá nome: SERIDÓ.

O que caracteriza essa região é um sol escaldante contrastando com a beleza da lua, amena e suave, que serve de tema tanto para o poeta erudito como popular. "Diz-se até que CATULO DA PAIXÃO, quando escreveu "Luar do Sertão", inspirou-se nas plagas seridoenses." (1)

Labim/UFRN

Nesta região maltratada pela seca, vivem os seridoenses numa extensão de 9.332 km^2. Há três anos eles não sabem o que é um bom inverno, mas não perdem a coragem de trabalhar nem o otimismo, feito de esperança, e fé em Deus. O seridoense ainda é um homem religioso, mesmo sabendo-se que já existe a infiltração espírita, que não deixa de receber mais católicos que espíritas convictos; o protestantismo que congrega um número representativo e outras seitas que estão surgindo.

Percebe-se que o Seridó vai pouco a pouco sendo contaminado pela angústia da era atômica, em que o homem irrequieto procura dominar o universo e o sobrenatural e acaba perdendo-se na mistificação das seitas religiosas.

Estudando-se a região desde seu nascimento, encontra-se mesmo nos tempos remotos, a preocupação dos pais em relação à educação dos filhos. É uma constante os mestres escolas nas fazendas, vilas e povoados. Encontra-se a primeira Escola de Latim, fundada pelo Padre Brito Guerra, na antiga Vila Nova do Príncipe. Daí saíram grandes nomes, como: Amaro Cavalcanti, Pe. João Maria, Manoel Dantas e muitos outros.

Prova-se o alto nível de intelectualidade do seridoense, quando se afirma que o primeiro Presidente da província foi o Sr. Thomaz de Araújo Brito, natural de Acari (RN). Encontram-se ainda algumas figuras de realce no panorama político, como: Pe. Brito Guerra, deputado e Senador do império, Antonio Álvares Mariz, deputado provincial, José Bernardo de Medeiros, influente republicano.

Ratifica-se a informação com as palavras de José Augusto:

> Mas é preciso considerar (e aí se encontrará a explicação satisfatória do fato) que os povoadores iniciais do Seridó, as primeiras famílias que ali se instalaram e fixaram, tinham origem mais ou menos ilustres, descendiam de elementos distinguidos da elite social de Pernambuco."(2)

Partindo-se do fato de existir no Seridó uma cultura erudita, constata-se a pouca receptividade dos seridoenses para com os cantadores de viola, encontram-se com raridade, informações sobre eles nessa região. Apenas alguns nomes são lembrados em certas rodas: Rafael da Fonseca, que cantava ao som da viola e Moisés Lopes Sesion, que cultivava a poesia pornográfica.

Encontra-se outra indicação sobre repentistas, no livro de memórias de Artéfio Bezerra, quando cita uma homenagem recebida através de versos improvisados por Manuel Juvêncio da Silva, de Serra Negra

Labim/UFRN

do Norte (RN), partindo o mote: "Dou graças à providência/Minha família eduquei." O poeta fala como se fosse o próprio Artéfio:

Eu ainda era menino
Quando cheguei nessa terra.
Aqui no pé desta serra
moro desde pequenino.
Pela ordem do destino,
aqui mesmo me criei
logo depois me casei,
já vou com longa existência
Dou graças à providência
Minha família eduquei (3) mote

Verifica-se que o ciclo do gado fez surgir alguns repentistas, representados pelo escravo vaqueiro e pelo mestiço, resultado do cruzamento de brancos com índios. Tem-se notícia de um vaqueiro cantador, mestiço, de cabelos estirados e duros, baixo, pouca barba, que nasceu no município de Caicó e morou em Catolé do Rocha (PB). Seu nome era Pedro Ventania, de seus repentes um ficou famoso:

Eu sou Pedro Ventania
Morador lá nas "Gangorras",
Se me vires não te assustes;
Se te assustares não corras;
Se correres, não te assombres;
Se te assombrares não morras. (4)

Observa-se que esses cantadores, geralmente pretos, adotaram a cultura dos brancos. Nota-se essa aculturação, pelo desaparecimento dos costumes africanos, aqui no Seridó, sabendo-se que numa determinada época, os pretos e os pardos formavam uma população numerosa superior aos brancos.

A situação do cantador no Seridó, não era a de um poeta privilegiado pela natureza, verifica-se essa afirmação nas palavras de Juvenal Lamartine. "Esses cantadores que vivem ao-Deus-dará cantando nas feiras ou nos casamentos"... (5)

Sua atuação nos casamentos, ratifica a não aceitação por parte da classe alta dos cantadores repentistas. Nos casamentos dos menos abastados a dupla de cantadores era a atração principal, porém nos casamentos ricos, eles eram relegados ao segundo plano. Na sala da frente ficava a banda de música para o grande baile, em outras dependências ou na casa do vaqueiro, ficava a dupla para animar os empregados da fazenda.

Atualmente na Região, os repentistas têm um pouco mais de aceitação, contudo, existem ainda muitos preconceitos. Observa-se

Labim/UFRN

que eles são vistos por um certo número de pessoas, como representantes do folclore e não como um artista, nem tão pouco por seus méritos pessoais ou profissionais. Constata-se que os que aqui se fixaram, são migrantes, geralmente paraibanos e não filhos da região. Sabe-se que há alguns seridoenses que elevaram seu nome lá fora, como violeiros, mas em número reduzido, citam-se: Sebastião Dias, Caicoense que mora em Tabira (PE), Francisco Fabrício de Oliveira, de Jardim de Piranhas, atua no Agreste e um terceiro que nasceu em Acari (RN), em 1920, José Paulino de Medeiros, que atua no Ceará. Hoje é aposentado da polícia militar, era investigador em Fortaleza onde mora atualmente. É considerado um poeta espirituoso e alguns dos seus repentes foram registrados na Antologia Ilustrada. Aponta-se a estrofe de uma cantoria com José Firmino de Araújo, onde o poeta caracteriza sua terra natal:

Minha terra só tem
Bentivi de perna fraca
Procurando carrapato
No peito magro da vaca
Matando de cafuné
Na cabeça da estaca (5)

Citam-se alguns seridoenses violeiros, que atuam na região: Carlos Alberto, um moço cego, que vive da profissão há uns dois anos, natural de Caicó. Theodoro Neco da Silva, conhecido por Ló, nasceu em Timbaubinha, município de Jardim de Piranhas (RN), agricultor e cantador de viola. Sua obra é caracterizada pela presença dos temas: mulher, amizade, a vida da cidade, morte, velhice e mocidade. Zé/Milanez de Currais Novos, é presidente do Sindicato dos Trabalhadores e está fundando nesta cidade a Associação Estadual dos Poetas Populares que recebeu a sigla de AEPP. Convém salientar que é a primeira na região.

No Seridó existem duas Emissoras de rádio. A primeira fundada foi a Emissora Brejuí em Currais Novos, de propriedade do Sr. Thomaz Salustino, no ano de 1968. Funcionava com um programa de violeiros, apresentado pelo Sr. Gumercindo Amorim, atual diretor do MOBRAL naquela cidade. Essa Emissora perdeu sua licença de divulgação, reabrindo logo em seguida com o nome de Emissora de Currais Novos, mutilada na sua programação, pois faltam os animadores do povo, o violeiro. A segunda inaugurada em 1963, A Emissora de Educação Rural de Caicó, de propriedade da Diocese.

Labim/UFRN

4.2. Mota e Nascimento no Seridó

1º de maio de 1963, Caicó amanheceu feliz. Inaugurava-se A Emissora de Educação Rural. Termina aqui a grande luta da Diocese, na pessoa do seu representante D. Manoel Tavares de Araújo, bispo de Caicó na época, para oferecer ao Seridó mais um veículo de comunicação de massa.

Quando os rumores espalharam-se por toda a Região, que em breve surgiria uma Emissora a serviço da comunidade Cristã, Chico Mota, que morava em Sao Bento (PB), cidade vizinha, e vivia da profissão de violeiro, pensou logo em divulgar a arte, valorizando-se como profissional. Dirigiu-se ao então diretor da Emissora, Pe. Itan Pereira e pediu-lhe um programa para violeiro, a exemplo do já existente na Emissora Brejuí, em Currais Novos. Houve uma promessa que foi cumprida no ato da inauguração da Rádio e assim foi criado o Programa "Violeiros do Seridó, tendo à frente Chico Mota, que cantou de parceria com um colega. Esse cantador não passou muito tempo e Mota mandou chamar seu irmão Antonio Mota que morava em Brejo do Cruz (PB). Este ficou apenas alguns meses, porque não queria deixar sua região, onde tinha seu campo de atuação, como violeiro.

Nascimento havia chegado a Caicó, no mesmo ano da inauguração da Emissora. Começou participando do programa também criado por Mota "Entardecer no Sertão", na mesma Emissora. Esse programa ficou pouco tempo no ar. Mota ainda sem dupla definida, convidou Nascimento que aceitou e em fevereiro de 1964, eles se apresentaram como dupla permanente da Emissora Rural.

Passaram-se 19 anos. A Emissora Rural de Caicó, hoje dirigida por Mons. Ausônio Tércio de Araújo, promove o mesmo programa com a mesma dupla e os seridoenses, representados pela massa, o grande povo do Seridó, já acostumou-se a ligar seu rádio de pilhas, às 7 hs. e partir para a labuta, com ele no bolso ouvindo o canto puro, simples e poético da dupla Mota e Nascimento, que apesar de paraibanos, são considerados hoje "VIOLEIROS DO SERIDÓ".

4.3. Sua Produção

Existe no artista, um dom indefinível, um sentimento de beleza, captado e expresso através de obras, que constituem uma produ

Labim/UFRN

ção.

Todo artista sendo ele erudito ou popular, repentista ou versejador, possui características próprias que o diferenciam dos demais.

Vendo-se a produção de Mota, encontram-se belos repentes, o que lhe assegura um lugar de destaque no panorama de viola. Constata-se através dessas sextilhas cantadas na 1a. Jornada de Cordel e Viola em Caicó, após assistir a uma conferência de Veríssimo de Melo, que analisava os versos que falaram da visita do Papa João Paulo II ao Brasil. Mota abrindo os trabalhos dos violeiros, assim se expressou:

Hoje começou Veríssimo
Dizer o que foi preciso,
Falando pelo papel
Sem forçar o seu juízo
Eu pra poder começar
Tem que ser de improviso (6)

Na versátilidade de sua produção, encontram-se muitos gêneros cantados com desembaraço de um bom profissional. Verifica-se este fragmento de um mourão perguntado, quando de parceria com Pedro Santa Helena. Sabe-se que o mourão perguntado é cantado por dois repentistas intercalando os versos, entre perguntas e respostas, para encerrar a estrofe com o canto unido dos dois, repetindo o final que é invariável; "Isto é mourão perguntado/Isto é responder mourão"

Pra que serve a mulher? MOTA
Pra nos fazer companhia? Pedro Santa Helena
Pra que serve a cantoria? MOTA
Para se fazer mister. P. S. H.
Para que serve a colher? M
Pra digerir o pão. P.S.H.
Pra que serve o coração? M
Pra ficar apaixonado. P.S.H.
Isto é mourão perguntando - juntos
Isto é responder mourão. - juntos (7) Bis

Seu repertório como repentista, é variadíssimo. São de sua autoria os seguintes poemas: "O Poço de Santana, Cartas de Amor, Louca Serrana, Casal Desunido, Porque deixei de beber".

Há de convir que Mota, apesar de bom repentista, já escreveu 03 folhetos. Comparando sua produção de viola à de cordel, sente-se que ele é melhor como repentista. Suas obras de cordel são folhetos com poucas páginas, criados para serem publicados pelo Projeto Memória, financiado pela UFRN, são eles: "Homenagem a Frei Damião, o santo do Nordeste". Cita-se a 1a. estrofe:

Labim/UFRN

Muitos poetas falaram,
Em Silvino e Lampião.
Em Jesuino Brilhante
O Padre Cícero Romão,
Mas, eu vou me referir
Ao frade, frei Damião (8)

Observa-se nessa estrofe, a preocupação em apresentar, o cangaço, e o padre Cícero Romão, mitos do Nordeste consagrados pelos poetas populares. Sente-se que a exemplo do Padre Cícero, o Frei Damião de Bozano, Italiano, que vive pregando missões já sendo bem velhinho, tem uma resistência que impressiona àqueles que o conhecem. Isso leva o nordestino a contar verdadeiros milagres e chamá-lo de Santo; observa-se nesta estrofe do mesmo folheto:

".....
Suas palavras benditas
São compostas de doçura
O seu aspecto é de santo
Seu coração tem ternura
É sem dúvida um enviado
Do filho da virgem pura (9)

De outro folheto ele mostra a seca no Nordeste, a situação calamitosa da região com a falta d'água. Mostra-se um clássico, elogiando o governo.

".....
O governo da Nação
Toma alguma providência
Colocando os flagelados
Nas frentes da emergência
Com o fim de assegurar
A sua sobrevivência (10)

Para afirmar sua posição clássica, ele escreveu um folheto apresentando o jumento. Houve entre os clássicos o ciclo do animal na literatura popular. O folheto de Mota chama-se "O Sofrimento do Jumento", quando ele exalta a condição de padecimento do irracional, ocasionado pelo racional:

".....
São inúmeros os maltratos
Do infeliz animal
O dono além de açoitá-lo
De uma maneira brutal
Ainda joga em seu lombo
Um peso descomunal". (11)

Há ainda em seu repertório, muitas trovas, duas foram escolhidas como vencedoras, em concurso de trovas, promovido pelo clube dos trovadores de Caicó em 1979. São elas:

Labim/UFRN

1º lugar: "Enquanto por todo mundo
Se alastra o crime fatal
Surge João Paulo II
Pedindo paz mundial"

2º lugar: "Para que o mundo cresça
E os homens sejam iguais
É preciso que apareça
Justiça, progresso e paz"

Pretende-se mostrar o outro lado desse poeta. Acrescenta-se aos títulos de repentistas, versejador, trovador, o de poeta erudito. Analisa-se o soneto intitulado, "O pobre cego":

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Nu/ma/ es/qui/na/ so/bre/ uma/ cal/ça/da - A
Um/ ho/men/zi/nho/ to/do/ es/far/ra/pa/do - B
Ca/mi/sa/ su/ja/ cal/ça/ re/men/da/da/ - A
Ca/be/los/ bran/cos/ ros/to/ es/ca/vei/ra/do/ - B

Classifica-se o soneto como um decassílabo, com rimas alternadas, na seguintes escala: A,B,A,B.

Outro soneto que ratifica a posição erudita do poeta, é uma homenagem ao Castelo Engady, de propriedade do Pe. Antenor Silvino de Araújo, vigário de Caicó, admirador do Estilo Medieval. Esse Castelo foi contruído, no sítio Solidade, bem perto de Caicó, e está se tornando um ponto turístico:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Te/ sa/ú/do/ Cas/te/lo/ de/ En/ga/dy/ - A
Pe/la/ tu/a/ es/tru/tu/ra/ e/ cons/tru/ção/ - B
Te/ com/pa/ro/ à/ ca/ver/na/ de/ O/di/lão/ - B
Mo/ra/di/a/ se/cre/ta/ de/ Da/vi/ - A

Este soneto é também um decassílabo com rimas intercaladas, na escala, A,B,B,A. Pode-se enquadrá-lo na escola literária Parnasiana, pelo seu tom descritivo.

A obra que o classifica, definitivamente, como poeta erudito, é o poema "Saudades da Minha Terra", pela perfeição da métrica, com a tonicidade na 4a., 8a. e 10a. sílabas, por isso chamado decassílabo sáfico:

4º 8º 10º
"Lon/ge/ da/ ter/ra/ on/de/ fui/ nas/ci/do
Sin/to/ no/ pei/to/ um/ ar/den/te/ an/seio/
Pra/ on/de/ o/lho/ ve/jo/ tu/do/ es/tran/nho
Pi/san/do/ um so/lo/ que/ me/ é/ a/lheio/

Encontra-se neste poema uma imitação de Cassimiro de Abreu.

Labim/UFRN

Nascimento, vive somente da profissão de violeiro. Sua produção é especificamente composta por obras para serem cantadas ao son da viola, muitos dos seus repentes perdem-se na oralidade das cantorias.

Como bom repentista que é, nao gosta de fazer versos, por não se considerar um bom cordelista. Na sua concepçao não existem bons repentistas que sejam bons cordelistas, nem vice-versa. Entre suas obras cordelistas encontra-se um folheto bem pequeno com apenas 06 páginas, feito para atender ao Dr. Rubens Santos, diretor do Pavilhão Psiquiátrico em Caicó. Neste folheto ele fala da importância do Pavilhão para o Seridó e apresenta seus batalhadores; atente-se para as seguintes estrofes:

No ano setenta e seis
No dia seis de abril
No Rio Grande do Norte
No seridó varonil
A bem da população
Implantou-se um pavilhão
De senso puro e gentil

O Dr. Vivaldo Costa
Deputado Estadual
Nesse tempo em Caicó
Dirigia o Hospital
Como era diretor
Foi da casa o fundador
A bem do débil mental

.....
Pelo Dr. Rubens Santos
É tudo administrado
É quem libera ou interna
Depois de ter consultado
Entende se o paciente
É débil deficiente
Ou é só traumatizado (12)

Há outro, feito de parceria com Louro Branco, que foi publicado pelo Projeto Memória, financiado pela UFRN. Este folheto, também pequeno, relata a festa de Sant'Ana em Caicó. A visita dos caicoenses que moram fora e vêm todo ano homenagear a padroeira. Cita-se a 1a. estrofe:

Na querida Caicó
cidade linda e humana
quando é no mês de julho
temos mais de uma semana
com seis dias dedicados
para a festa de Sant'Ana (13)

Labim/UFRN

Como repentista atual, Nascimento canta novos gêneros, introduzidos no estilo. Vê-se este belíssimo Rojão Pernambucano apresentado na la. Jornada de Cordel e Viola, ele é composto de um estribilho que se repete no final de cada estrofe: "Quanto eu ia ela voltava/ Quando eu voltava ela ia".

Eu fui trabalhar também
Na fazenda do Patrão
Porém uma arrumação
Não fazia com ninguém
Ele prometeu a alguém
Que uma vaca traziа
Fiquei esperando o dia
Mas a vaca não chegava
Quando eu ia ela voltava
Quando eu voltava ela ia — estribilho

(Nascimento)

Outro belíssimo gênero, também inovação, é um Martelo Alagoano cantado por Nascimento e Lúcio da Silva. Vê-se a estrofe improvisada por Nascimento, agradecendo a Tarcísio Gurgel o incentivo dado ao repentista.

Obrigado querido Professor
Que falou a maior realidade
Admiro essa sua qualidade
Seu trabalho poético com amor
Que da gente está sendo defensor
Lutador que trabalha sem engano
Faz o povo entrar no mesmo plano
Entender raramente a poesia
E o estilo que o poeta cria
Nos 10 pés de Martelo Alagoano (15)

(Nascimento)

Este Martelo tem um rítmo animado e geralmente é acompanhado com palmas pela platéia como faz com a música popular brasileira.

Através deste mote: "Quando a lua se esconde o sertão chora/ E o poeta se enche de saudade", ele desenvolveu um longo trabalho de 08 estrofes, cada estrofe com 10 versos. Cita-se a primeira estrofe:

Quando a lua passeia vagarosa
Uma estrela se apaga outra se acende
Uma nuvem rasgada se estende
Passa o vento beijando numa rosa
A montanha parece temerosa
Com insetos de toda qualidade
O tatu que não faz perversidade

Labim/UFRN

Só procura sair fora de hora
Quando a lua se esconde o sertão chora
E o poeta se enche de saudade — mote

Outro trabalho do poeta repentista, o identifica como um bom violeiro, porém com temática clássica. É o poema "Brasil Caboclo", cantado ao som da viola:

Nosso rincão nordestino
Fantasiado de lendas
Lembra as antigas fazendas
Do tempo de Jesuíno
O grande Antonio Silvino
Do famoso Lampião
O padre Cícero Romão
O padre do Juazeiro
Da terra do Jangadeiro
De mãe preta e pai Romão

Apresenta-se uma gemedeira, que caracteriza uma seca no Nordeste:

Uma seca no Nordeste
É triste a situação
Do empregado ao patrão
Do sertão para o Agreste
Não se vê feijão que preste
Só tem farinha ruim
O milho cheira a cupim
A rapadura é salgada
O arroz não vale nada
Ai, ai, um, um
Gemer de dois é assim

Uma homenagem muito bonita foi prestada por Nascimento aos violeiros falecidos, através de 10 estrofes, cada uma com sete versos, apresentando nomes de violeiros famosos:

Tivemos como destaque
da cultura brasileira
Agostinho Nunes da Costa
Zé Limeira e Zé Pretinho
José Duda do Zumbi
Fonseca do Piaui
E Inácio da Catingueira

Há uma verdadeira obra filosófica na sua produção, "Não queremos violência". Observa-se a simplicidade como o poeta mostra a causa de tudo que está acontecendo no mundo de hoje:

A falta de alimento
Em toda comunidade
Guerra, nudez, dezemprego
Violação, mortandade
É carência de amor
Em nossa sociedade

Labim/UFRN

Nos dez de queixo caído, ele conceitua a velhice, em 10 estrofes, 10 versos e sete sílabas em cada verso:

O/ ve/lho/ quan/do/ can/sa/do
Com/ o/ pe/so/ da/ i/da/de
Cho/ra/ sen/tin/do/ sau/da/de
Pen/san/do/ no/ seu/ pas/sa/do
Só/ po/de/ an/dar/ es/co/ra/do
Ca/da/ pas/so/ é/ um/ ge/mi/do
O/ cor/po/ to/do/ do/í/do
Um/ pi/gar/ro/ na/ gar/gan/ta
Não/ as/so/vi/a/ nem/ can/ta
Nos/ dez/ de/ quei/xo/ ca/í/do

Seu lirismo poético se sobressai neste poema "O dia das mães":

No calendário romano
Tem muitos dias festivos
colocados nos arquivos
Do cofre do corpo humano
Aonde o dia de ano
É uma data importante
Doze de junho, o amante
Presenteia suas fãs
Porém o dia das mães
É o mais interessante

4.4. Temática Própria

Quando se trabalha com textos literários, procura-se conhecer o autor através de seus temas. Constata-se a presença do amor e da morte nas obras de Álvares de Azevedo, a saudade nas de Cassimiro de Abreu, o escravo na de Castro Alves. Tenta-se também apresentar uma temática própria da obra da dupla em enfoque: MOTA e NASCIMENTO.

Sabe-se que a dupla foi considerada clássica quando da análise de sua produção. Nela encontraram-se temas tradicionais que se podem dividir em 03 grandes ordens: temas líricos, religiosos e sociais.

Nos temas líricos aparecem o amor, a saudade, a paz. Exemplifica-se com essa estrofe:

"..........
Seria mais importante
Ninguém pensar em vingança
Não sequestrar nem matar
Nem abandonar crianças
Da união nasce a força
Do amor a confiança" (NASCIMENTO)

Labim/UFRN

Os temas religiosos são abundantes, podendo-se enumerar: homenagens aos santos, Deus sempre presente nos improvisos, a fé, pedido de ajuda à providência quando fazem repentes improvisados. Citam-se duas estrofes:

Oh! venerável Sant'Ana
Mulher Santa e soberana
Beatificada imagem
No teu glorioso dia
Transbordado de alegria
Presto-te uma homenagem"

(MOTA)

.....
O padre João Maria
era muito venerado
Ficou imortalizado
Por tudo quanto fazia
Em Natal a sua pia
É ponto de devoção
Cidade da atração
Do Museu Câmara Cascudo
Aonde existe de tudo
De mãe preta e pai João

(NASCIMENTO)

Nos temas sociais encontram-se abordagens aos seguintes temas: Violência, Cangaço, Seca, Futebol, Vaquejada, Bebidas e o Problema Racial que é comum a todos os cantadores. Diz-se até que há um complexo de cor nas cantorias. Sofreram ataques deste tipo os pretos: Inácio da Catingueira, Manoel Caetano, Azulão, José Pretinho, Daniel Ribeiro, Preto Limão e acrescenta-se a relação Cícero do Nascimento quando cantado com Mota que é branco, na Associação Médica de Caicó, surge um desafio que termina no preconceito racial quando Nascimento diz para Mota: "Não brigo porque não quero/atacar o meu irmão". Mota respondeu: Foi uma contradição/você me chamar de mano". Nascimento ainda retrucou: "Não pense ser ilusão/nisto aí não há engano". Mota terminou com a afirmação: "Você errou desta vez/Meu sangue é de português/O seu é de africano". (16)

4.5. Análise de uma temática

Escolheram-se para análise, dois textos escritos por MOTA e NASCIMENTO, determinados pela mesma temática. As eleições.

Labim/UFRN

As obras surgem como um processo de comunicação:

Emissor ——— Mensagem ——— Receptor

Repentista — orientação para o voto — Ouvinte e/ou leitor

O objetivo dos Emissores, no caso Mota e Nascimento, é enviar a mensagem para esclarecimento dos eleitores na seleção dos candidatos, através do voto, utilizando como veículo de comunicação, a Emissora de Educação Rural de Caicó, a priori, e os textos impressos, aos receptores ouvintes e/ou leitores.

Nesta análise tomam-se por base dois textos, Como o livre fica cativo e Como se deve votar, dentro dos mitos do bem e do mal, constantes nas obras dos repentistas e apresentados no Esquema 01, página 01 do 2º capítulo B deste trabalho, quando aparece a Cultura em oposição à Natureza. Resultando deste contexto o permitido e o excluído para a sociedade.

Os dois autores desenvolvem o tema tomando a Igreja como um valor, retirando dela as leis aceitas ou rejeitadas pela sociedade.

Eles identificam como permitido, as virtudes da Igreja exaltadas na estrofe 02, do texto Como se deve Votar:

".....
A igreja é una e santa
Abrigo da castidade
Mensageira do pudor
Da fé e da caridade
Define, julga e combate
os erros da humanidade"

(MOTA)

Estas virtudes, unidade, santidade, abrigo dos cristãos, mensageiros do pudor, da fé e da caridade são considerados o mito do bem, aceito pela sociedade; o mito do mal nesta estrofe 02 são os erros da humanidade, por isso julgados e condenados pela Igreja e excluídos pela sociedade.

Na estrofe 09 do poema de Nascimento, Como o Livre fica Cativo, o mito do bem continua representado pela Igreja, através do clero, que defende a liberdade do indivíduo; o mito do mal, pela escravidão, através do voto e das acusações de partidos:

".....
O clero em geral protesta
Acusações de partidos

Labim/UFRN

O que vale é a escolha
Do homem bem escolhido
Quem pensa assim se defende
De ver seu título vendido"

(NASCIMENTO)

Nas estrofes 05 e 10 indicam ao leitor a maneira de se livrarem do mito do mal, a escravidão, através do voto e acatarem na coragem da escolha, mito do bem, pagando dinheiro com dinheiro, favor com favor e não com o voto:

"....
Esta instrução favorita
Da igreja recebemos
Quando se deve favores
Com favores pagaremos
E com dinheiro se paga
O dinheiro que devemos

(MOTA)

"....
Favor com favor se paga
Nao é votando a favor
Votar esperando emprego
Comete mais um horror;
Dinheiro vale dinheiro
Nao, o voto do senhor"

(NASCIMENTO)

Mais uma vez, nas estrofes 13 e 07, aparece o mito do mal, representado pelos desaforos, maltratos e desacatos às famílias, por parte dos candidatos.

"....
Os comícios na campanha
Sem dúvida, são importantes
Mas os senhores políticos
Não devem ser inflamantes
E evitarem no máximo
Os discursos atacantes

(MOTA)

"....
Mais uma vez este apelo
Façamos ao candidato;
Para não fazer comícios,
Com desaforos e maltratos
Desacatando as famílias
Mesmo com razao, de fato

(NASCIMENTO)

Labim/UFRN

Observa-se que a escala de valores acatada pela maioria dos repentistas nordestinos, inseridos neste contexto, MOTA e NASCIMENTO, reflete a axilogia medieval. Apontam-se com base numa estrutura temática de insPiração nestes valores, os personagens e suas funções dentro dos textos analisados:

PERSONAGEM	FUNÇÃO
Igreja	Orientar
Leitores	discernimento
Eleitores	votar consciente
Candidato	não pressionar
Patrão	não escravizar
Proprietários	não subjugar

Esses personagens, nos poemas, representam as forças do bem e do mal, encarnados por pessoas (candidatos e eleitores) e concepções abstratas, liberdade e escravidão.

Labim/UFRN

COMO O LIVRE FICA CATIVO PELO VOTO - Autoria de: CÍCERO NASCIMENTO

Leitores, novas pesquisas (1)
São feitas no nosso arquivo;
A quem nos falta entender,
Eis aqui o lenitivo
Lhes explicando porque,
O livre fica cativo.

O seu primeiro motivo (2)
É julgar-se abandonado;
Segundo, se exaltar
Para findar humilhado;
Votar secreto indefeso,
Com o título encarcerado

O voto não é pecado (3)
É dever do cidadão;
Quem vota ganha o direito
Das leis da nossa nação;
Porém, votar enganado,
É contra a nossa união.

Quem obedecer ao patrão (4)
Temento a severidade,
Para votar com os seus
Ofende à comunidade
Faz o mal para si próprio,
Fugindo da liberdade.

Senhores proprietários (5)
Aos seus fiés moradores
Não queiram subjulgá-los
Porque também são senhores;
Nem devem querer seus votos
Em troca de alguns favores.

Por isso nossos pastores, (6)
Estão fazendo este apelo;
Os adversários devem
Tratar os outros com zelo
Para o Brasil não cair
Nas garras do desmantelo.

Mais uma vez este apelo (7)
Façamos ao candidato;
Para não fazer comícios,
Com desaforo e maltrato;
Desacatando as famílias,
Mesmo com razão, de fato.

Nosso melhor candidato (8)
É este que sai na praça;
Sem definir qualidade,
A qualquer pessoa abraça;
Faz antes de prometer,
Sem precisar ameaça.

O clero em geral protesta (9)
Acusações de partido;
O que vale é a escolha,
Do homem bem conhecido;
Quem pensa assim se defende,
De ver seu título vendido.

Favor com favor se paga, (10)
Não é votando a favor;
Votar aspirando emprego,
Comete mais um horror;
Dinheiro vale dinheiro,
Não o voto do senhor.

Labim/UFRN

COMO SE DEVE VOTAR - Autor: FRANCISCO MOTA

Encontrei num relatório (1)
Um assunto de base e forte
Da província Eclesiástica
Do Rio Grande do Norte
Detalhes que nos explicam
Da política sua sorte

A Igreja é uma santa (2)
Abrigo da cristandade
Mensageira do pudor
Da fé e da caridade
Define, julga e combate
Os erros da humanidade

Não é que a Igreja tenha
Com política, transações
Porém pode orientá-la
Com justas opiniões
Para que o povo vote
Só em candidatos bons

O candidato que é nobre, (3)
Progressista e instruído
Ainda que ele seja
Deste ou daquele partido
Com ele, é que o povo
Deve estar comprometido

A igreja recomenda (4)
A qualquer um eleitor
Que o voto não se vende
Nem se troca por favor
É lícito se dar o voto
A quem é merecedor

Esta instrução favorita (5)
Da igreja, recebemos
Quando se deve favores
Com favores, pagaremos
E com dinhero se paga
O dinheiro que devemos

Votar aspirando emprego (6)
É cousa que não convém
Tem política que na hora
Vic ete a cinquenta ou cem
Depois que se passa o pleito
Não se lembra de ninguém

O candidato capaz
É o que tem lealdade,
Virtude, glória, progresso
Confiança e honestidade
Para poder garantir
A sua comunidade___

Quando surge uma campanha (8)
Surgem os espertalhões
Entre eles: Fazendeiros
Chefes de repartições
Muitas vezes impedindo
Do povo votar nos bons

Proprietários de terras (9)
São os mandões respeitados
Promovem até ameaças
Aos seus subordinados
Se não votarem nos seus
Candidatos indicados

Uns comprometem seus votos (10)
Por simples aluguel de prédio
Outros, por roupas e calçados
Receita médica e remédio
Todos estes no futuro
Vêm a ser vítimas do tédio

Político que compra votos (11)
Quando ganha, diz assim:
Hoje já estou no poder
Tudo dependeu de mim
Vou tirar o que gastei
Quem quizer, ache ruim

A eleição vem aí, (12)
São muitos competidores
O povo vai eleger
Prefeitos, Vereadores.
Votemos nos candidatos
Justos e trabalhadores

Os comícios na campanha (13)
Sem dúvida, são importantes
Mas os senhores políticos
Não devem ser inflamantes
E evitarem no máximo
Os discursos atacantes

Este ano, nós estamos (14)
Com uma Eleição em frente
Ninguém deve se abster
Vote conscientemente
O voto além de secreto
É livre e independente

Portando caro leitor
Você que merece aprovo
Escolha um bom candidato
Seja velho, ou seja novo
Vote, não se abstenha
O voto é arma do povo

Labim/UFRN

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01 - José AUGUSTO, O Rio Grande do Norte, p. 27

02 - _____, Meu Seridó, p. 158

03 - Artêfio Bezerra da CUNHA, Memórias de um Sertanejo, p. 252.

04 - Juvenal LAMARTINE, Velhos Costumes do meu Sertão, p. 60.

05 - Francisco LINHARES e Otacílio BATISTA, Antologia Ilustrada, p. 245

06 - Fita gravada na 1a. JORNADA DE CORDEL E VIOLA em Caicó, 1981

07 - _____, em Caicó, 1981

08 - Francisco MOTA, Homenagem a Frei Damião, o santo do Nordeste, p. 03

09 - _____, Homenagem a Frei Damião, o santo do Nordeste, p. 07

10 - _____, A Seca do Nordeste, p. 06

11 - _____, A Seca do Nordeste, p. 07

12 - Cícero NASCIMENTO, A história da Psiquiatria em Caicó, págs. 1 e 2

13 - Cícero NASCIMENTO e Louro BRANCO, a festa de Sant'Ana, p. 01

14 - Fita gravada na 1a. JORNADA DE CORDEL E VIOLA, em Caicó, 1981.

15 - Fita gravada na 1a. JORNADA DE CORDEL E VIOLA, em Caicó, 1981.

16 - Informação oral do autor.

Labim/UFRN

CONCLUSÃO

A conclusão luminosa que decorre das constatações anteriores é a de que a poesia dos cantadores não morreu, encontra-se bem viva no Nordeste e até mesmo no Seridó, onde se afirma que pelo contrário, há uma razoável expansão deste personagem.

Constataram-se entretanto, alguns dos antigos preconceitos contra os cantadores repentistas, na região do Seridó. Ocorre com frequência entre estudantes, pessoas das classes alta e média, que mesmo gostando, sentem vergonha de dizer ou ouvir os repentistas, porque foram educados na concepção de que este tipo de arte era para pobres e analfabetos.

Observa-se que apesar das secas que assolam grande parte do Nordeste levando o Nordestino, e com ele o repentista, para outras paragens, a poesia aqui ficou, com suas raízes lusitanas e continua sendo o que há de mais característico no Nordeste.

Como processo dinâmico de comunicação, a poesia popular nordestina não estagnou no tempo e como consequência do próprio avanço tecnológico, recebeu a inclusão de gêneros inovados, condignos com o seu próprio veículo de divulgação, os meios de comunicação.

Mesmo assim encontram-se cantadores clássicos pela temática. Citam-se Mota e Nascimento, como prova a unidade "SUA PRODUÇÃO".

Labim/UFRN

A N E X O S

Labim/UFRN

NÃO QUEREMOS VIOLÊNCIA (SEXTILHAS)

Nas áreas mais esquecidas
Eu vivo dando assistência
Sentindo como o poeta
Da pobreza a decadência
Vou dizer o que ocorre
Por causa da violência.

O fator da violência
Oculta a felicidade
Passa a bandeira da paz
Esquece da caridade
Faz greve contra a igreja
Destrói sem necessidade.

Enquanto a humanidade
Não conhecer o perdão
As nações vivem brigando
Irmão massacrando irmão
Não falta crime no mundo
Nem ódio no coração.

É triste negar-se o pão
A quem ganha um salário
Pois é vazia demais
A casa do operário
Que pede é porque precisa
Dar apoio é necessário.

Enquanto o proprietário
Só pensar em criar gado
A pobreza passa fome
O governo é humilhado
Sobra dinheiro no cofre
Falta feijão no mercado.

Enquanto o advogado
Não tomar conhecimento
O código penal da lei
É cena de fingimento
E a pena do homem justo
Não assina um documento.

A falta de alimento
Em toda comunidade
Guerra, nudez, desemprego
Violação, mortandade
É carência de amor
Em nossa sociedade.

Tanta criminalidade
Mentira e desarmonia
Promessa sem precisão
Inveja e demagogia
São as características
De um povo sem alegria.

Através da cirurgia
Tem muita cura importante
Mas o coração humano
A ciência não garante
Chegando a hora da morte
Não adianta transplante.

Seria mais importante
Ninguém pensar em vingança
Não sequestrar, não matar
Nem abandonar criança
Da união nasce a força.
Do amor a confiança

Só renasce a esperança
Quando a paz permanecer
Acabar-se o terrorismo
Ninguém pensar no poder
Em todos os corações
A fé divina crecer.

Unidos vamos fazer
Um apelo ainda mais
Para o pobre ter direito
Às camadas sociais
Como reconhecimento
Que todos somos iguais.

Nos conflitos raciais
Tem tanto desprotegido
Aonde o homem de cor
É um desfavorecido
Só pode existir progresso
Se o povo for mais unido.

Quem puder neste sentido
De confraternização
Ajude o seu semelhante
Dando a mão ao seu irmão
Que o mundo precisa paz
Amor, justiça e perdão.

Labim/UFRN

BRASIL CABOCO

Nosso rincão nordestino
Fantasiado de lendas
Lembra as antigas fazendas
Do tempo de Jesuíno
O grande Antonio Silvino
Do famoso Lampião
O padre Cícero Romão
O santo do Juazeiro
Da terra do jangadeira
De mão preta e pai João.

Houve Antonio Conselheiro
Nos arraiais da Bahia
Um fanático que dizia
Que via Deus verdadeiro
Nordeste do violeiro
Onde nasceu o baião
Pernambuco é o leão
Paraíba é a leoa
Do Forró de Zé Lagoa
De mãe preta e pai João.

O sertão é terra boa
Onde não tem vagabundo
Mas não é com todo mundo
Que o sertanejo caçoa
Tem setor que não perdoa
Uma briga no facão
Só precisa um empurrão
Para morrer um bocado
No torrão de Jorge Amado
De mãe preta e pai João.

Cazuza Sátiro é lembrado
Como um herói caçador
Foi de onça matador
Paraibano afamado
Rio Grande é um estado
Que tem muita tradição
Se fala num barbatão
Que no Seridó havia
No tempo de Zé Garcia
De mãe preta e pai João.

O padre João Maria
Era muito venerado
Ficou imortalizado
Por tudo quanto fazia
Em Natal a sua pia
É ponto de devoção
Cidade de atração
Do museu Câmara Cascudo
Aonde existe de tudo
De mãe preta e pai João.

Sem precisar de estudo
A artesã brasileira
A sergipana Altaneira
Conhece quase de tudo
Porém eu também saúdo
Ceará do artesão
É demais a perfeição
Do trabalho da rendeira
Caicó da bordadeira
De mão preta e pai João.

Se vê na zona brejeira
Nos dias de farinhada
A mandioca raspada
No colo da raladeira
Uma balança a peneira
Outro de rodo na mão
É todo mundo em ação
Até sair o beiju
Na terra do caititu
De mão preta e pai João.

Forró e maracatu
Mulher rendeira e xaxado
Bumba meu boi e reisado
Alegram Caruaru
Onde o Coronel Ludru
Ao gênio deu expansão
A maior divulgação
Do folclore nordestino
Na terra de Vitalino
De mãe preta e pai João.

No solo potiguarino
Tem pastoril e lapinha
Vaquejada e argolinha
São festas do nordestino
Nosso povo alencarino
Canta o luar do sertão
De Catulo da paixão
E de Alencar seu poema
No Ceará de Iracema
De mãe preta e pai João.

A serra da borborema
É berço dos cantadores
Seu ar tem cheiro de flores
Seu nome é o nosso emblema
Verdadeiro diadema
Que enfeita a região
Serve como divisão
Dos estados do Nordeste
Terra de cabra da peste
De mão preta e pai João.

Labim/UFRN

PESQUISAS NORDESTINAS

Tivemos como destaque
Da cultura brasileira
Agostinho Nunes da Costa
Zé Pretinho e Zé Limeira
José Duda do Zumbi
Fonseca do Piaui
E Inácio da Catingueira

Manuel Galdino Bandeira
Paraibano de estima
Roseira e Cordeiro manso
Filhos de ventre da rima
O velho Antonio Marinho
Riachão e Canhotinho
Lino Pedra Azul de Lima.

Silvino Pirauá Lima
Serrador e Gavião
Machadinho e Pimenteira
Cesário e Preto Limão
Josué Alves da Cruz
Foi outro vate de Luz
Do tempo de Mergulhão.

Ugolino e Fabiano
Quixaba e Manuel Carneiro
Oiticica e Ventania
E o grande Hercílio Pinheiro
Ascendino Aureliano
Heleno Belo e Romano
João Batista e João Monteiro.

Quando Antonio Marinheiro
Cantava a voz do destino
Havia Enésio Soares
Tinha Joaquim Vitorino
Daniel e Evaristo
Jaqueira e Manuel Calixto
Tota e Joaquim Berbardino.

Barra Mansa e Zé Faustino
José do Carmo e Germano
João Isidoro Ferreira
Patativa e João Caetano
Paumeira e Laurindo Gato
Cego Aderaldo do Crato
Rouxinol e Luciano.

Quem ouviu Rogaciano
Viu do nordeste a imagem
Leandro Gomes de Barros
Uma imortal reportagem
Ele deixou em arquivo
E Nicadro enquanto vivo
Fez do sertão a filmagem.

Inspirado na aragem
José de Queiroz Moreno
Retratou Caruaru
Seu predileto terreno
Azulão e João Fabrício
João Pedra e José Patrício
Isidro e Chico Pequeno.

De pensamento sereno
Joaquim Francisco Santana
Foi defensor popular
Da área pernambucana
Zé gustavo outro cartaz
Romano Elias da Paz
Grandeza paraibana.

Uma força soberana
Agostinho Lopes tinha
Mangabeira e Zé Batista
Zé Luis e Ferreirinha
Com sentimento eu completo
Com Manuel Francisco Neto
Zé Gaspar e Arrudinha.

Labim/UFRN

UMA SECA NO SERTÃO (GEMEDEIRA)

Uma seca no sertão
É triste a situação
Do empregado ao patrão
Do sertão para o agreste
Não se vê feijão que preste
Só tem farinha ruim
O milho cheira a cupim
A rapadura é salgada
O arroz não vale nada
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim.

Falta o queijo e a coalhada
Falta a manteiga e a nata
Falta o leite e a batata
E a carne de bode assada
A cachaça e a buchada
Tudo isso leva fim
Não tem quem faça um festim
Ninguém conversa em forró
A tristeza é uma só
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim.

Entristece o Seridó
Chora o vale do Açu
Reclama Caruaru
Pajeú e Moxotó
De teixeira ao Piancó
Cajazeiras do Rolim
De pesqueira e Surubim
Serrita e Araripina
Juazeiro e Petrolina
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim.

De João Pessoa a Campina
Do recife a Maceió
De Penedo a Bodocó
De Salgueira a Agrestina
Xique-Xique e Jacobina
Arco Verde e Bom Jardim
Limoeiro e Camocim
Sobral e Baturité
Missão Velha e Açaré
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim.

O beato sai a pé
Enfrentando fome e sede
Com um saco e uma rede
Em busca do Canindé
Quer escapar com a fé
Reza e diz: Deus é por mim
Vendo a hora levar fim
Forra o chão e se agasalha
ouvindo o rasga mortalha
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim

Desanima quem trabalha
Porque quando a roça apronta
Novamente o sol desponta
Tão quente como fornalha
Não tem um talo de palha
Não tem palma, nem capim
O rebanho leva fim
Fica somente o cavalo
Na solidão canta o galo
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim

Fica abandonado o ralo
Da casa da camponesa
Falta a canjica na mesa
Seu prato de mais regalo
Todo mundo sente abalo
Vendo tudo levar fim
Morre o pé de alecrim
O sabiá se encanta
Somente a cigarra canta
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim.

O cantador quando canta
Diz o que sente rimando
Caindo o pranto e cantando
Vendo o Nordeste sem planta
A sua tristeza é tanta
Passa aonde fez festim
Vê o canto do jardim
E a porta escancarada
Só tem morcego e mais nada
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim

Os pais com a filharada
Vão embora sem vontade
Choram sentindo saudade
Fica a casa abandonada
A pobre mãe mal trajada
Com vestido de morim
Um santo e um trancelim
Que herdou dos seus avós
Beija e diz: Deus é por nós
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim.

Emudece até a voz
Do nambu na capueira
Foge o mocó da pedreira
Vão embora os rouxinóis
O vento faz caracóis
Sopra o paul dos jardins
Parece até que o fim
Do mundo se aproxima
Todo mundo desanima
Ai, ai, ui, ui
Gemer de dois é assim.

Labim/UFRN

POEMA DIA DAS MÃES

No calendário romano
Tem muitos dias festivos
Colocados nos arquivos
Do cofre do corpo humano
Aonde o Dia de Ano
É uma data importante
Doze de junho, o amante
Presenteia suas fãs
Porém o Dia das Mães
É o mais interessante.

Não é só nacional
Esse grande aniversário
Dos dias do calendário
O seu dia é mundial
O seu nome original
Vem dosEstados Unidos
Nasceu dos prantos sentidos
Duma jovem que sofria
Na dor da melancolia
Pensando nos pais queridos.

O dia de São João
É cheio de alegria
Dia se Santa Luzia
É dia de devoção
Sexta-feira da Paixão
Lembra o santo de Belém
O Natal fala também
De Jesus na manjedoura
Porém o da genitora,
É o mais lindo que tem.

Os filhos que estão ausentes
Das suas inesquecidas
Para suas mães queridas
Enviam vários presentes
Uns dos outros diferentes
De acordo às posses deles
O importante daqueles
Filhos que estão distantes
E lembrar todos instantes
Das mães que sofrem por eles.

Um rádio, um televisor
Sala de copa e faqueiro
Penteador, camiseiro
Um liquidificador
Os filhos cheios de amor
Mandam com todo respeito
A pobre não tem direito
De receber geladeira
Porém, ganha uma poncheira
Contente do mesmo jeito.

A pobrezinha da roça
Também abre a boca e diz
Graças a Deus sou feliz
Na minha humilde palhoça
Toma café e almoça
Rindo e derramando pranto
Porque vê em cada canto
Da casinha aondo mora
Um filho que lhe adora
E ela o tem como santo.

Das mães homenageadas
Os prazeres são iguais
As das grandes capitais
São televisionadas
Depois que são premiadas
Voltam cheias de alegria
Comparando o grande dia
A um paraíso de luz
Rezam pedindo a Jesus
Pros filhos muita harmonia.

Esta data inesquecida
Relembra a mãe que viveu
Com a família e morreu
Deixando a casa querida
Depois da última partida
Para a santa eternidade
Todos choram com saudade
Sentindo a falta que faz
Os filhos padecem mais
Nos braços da orfandade.

Seu dia parece até
Que amanhece sorrindo
Num panorama tão lindo
Que só Deus sabe o que é
Nele impera a viva fé
Dos dias da existência
O trono da paciência
Está na mãe amorosa
Pois é verdadeira rosa
Que nunca perde a essência.

O dia da mãe solteira
É o mesmo da casada
Da viúva abandonada
Da doutora e da roceira
Se uma ganha enceradeira
Outra recebe um fogão
A que tem mais precisão
Talvez não ganhe uma flor
Porém sente o mesmo amor
Da que possui um milhão.

Labim/UFRN

POEMA: "PORQUE DEIXEI DE BEBER"

Para que o Mundo Entenda
Eu vou contar uma História
Não é assunto de Lenda
E sim de uma Tragetória
Dos dramas da minha vida
Com relação à Bebida
Tudo vou esclarecer
Cabisbaixo e pensativo
Vou explicar o motivo
Porque deixei de Beber

Fui um homem viciado
Bebendo diariamente
Além de ser um pecado
Me acabando moralmente
Fugindo aos sagrados trilhos
Traumatizando meus filhos
Faltando com meu dever
Foi uma decepção
Hoje digo com Razão
Porque deixei de Beber

Quando eu era convidado
Para uma Festividade
Depois de embriagado
Manchava sociedade
quando era aconselhado
Falava logo Exaltado
Sem a ninguém atender
manchando até meu cartaz
Isto não sucede mais
- Porque deixei de Beber

O Ébrio não possui calma
Quando anda é anormal
Se arrisca a perder a alma,
A Saúde e a moral
Ainda tendo Razão
Mas ninguém dá atenção
O que ele vai dizer
Perde o direito que tem
- Eu hoje me sinto bem
porque deixei de Beber

Beber e se embriagar
É uma grande ilusão
Que o caso analisar
Muda de opinião
Homem que vive Bebendo
Vezes termina fazendo
O que não é para fazer
Perde sua confiança
- Hoje eu tenho Segurança
Porque deixei de Beber

Tem pessoa que entende
Assim de modo geral
Que Bebida não ofende
Que Beber é social
É certo, mas eu confesso
Que quem Bebe por excesso
Não cumpre com seu dever
Isto já me aconteceu
- Agora eu sei quem sou eu
Porque deixei de Beber

Bebi muito, puxei fogo
Sem saber o que fazia
Botei a vida num jogo
Que a família não queria
Vivia pisando em Brasa
Problemas na minha Casa
Não deixava de Haver.
Abandonei a Bebida
- Vou reconstruir a vida
porque deixei de Beber

Estou muito satisfeito
Por ter me regenerado
O momento eu aproveito
Para mandar um recado
A quem abraça a bebida
Se quer restaurar a vida
Aceite o meu parecer
Faça do jeito que fiz.
- Hoje me sinto feliz
Porque deixei de Beber.

Labim/UFRN

HOMENAGEM A NOSSA SENHORA SANTANA - Padroeira de Caicó -

Oh! venerável Santana
Mulher Santa e soberana
Beatificada imagem
No teu glorioso dia
Transbordado de alegria
Presto-te uma homenagem

Oh! Santana gloriosa
Doce, afável, virtuosa
Abençoai Caicó
Com tua magnidade
Concedei força e virtude
Ao povo do Seridó

Neste pedaço de chão
Estendei a tua mão
Em sinal de um gesto puro
Santana, uma graça faças
Concedei milhões de graças
Às gerações do futuro

Tua imagem e semelhança
É nossa única esperança
Pelas longas caminhadas
Não temos prazer de ver-te
Mas temos de agradecer-te
Muitas graças alcançadas

Santana amada e puríssima
Mãe de Maria Santíssima
A Virgem de Nazaré
Olhai os seridoenses
Trazei aos caicoenses
Nobreza, coragem e fé.

Os nossos antepassados
Erguem sonoros brados
Em sinal de adoração
Hoje também te adoramos
Teu santo nome chamamos
Pela nossa salvação

Os teus devotos, Santana
Na luta cotidiana
Ao teu santo nome recorrem
Nas aventuras se lançam
No trabalho não se cansam
As esperanças não morrem

Santana nos dai virtude
Conduzas a juventude
Ao trabalho e ao amor
Luzindo como centelhas
Apascentai as ovelhas
Do rebanho do Senhor

Tu é matrona dos pobres
A sentinela dos nobres
Guardiã dos pecadores
Por isto nós te adoramos
Teu santo nome invocamos
Cantando hinos e louvores

Nesta pequena mensagem
Presto-te uma homenagem
Cheia de ardente anseio
Salve Santana bendita
Que tua graça bendita
Esteja no nosso meio.

Caicó, 26 de setembro de 1980.

Labim/UFRN

O POBRE CEGO

Numa esquina, sobre uma calçada
um homenzinho todo esfarrapado
camisa suja, calça remendada
cabelos brancos, rosto escaveirado.

Semblante triste, nariz afilado
sobrancelhas grossas, barba mal-tratada
sobre o bastão ali escorado
pedindo esmola de mão estirada

Quem vai passando. Dei-me uma esmolinha
mate esta fome que me espezinha
há mais de um dia, que num pão não pego

pela visão destes olhos teus
dei-me um auxílio, pelo amor de Deus
tens compaixão de um pobre cego.

Labim/UFRN

POEMA: SAUDADES DA MINHA TERRA

Longe da terra onde fui nascido
sinto no peito um ardente anseio
pra onde olho vejo tudo estranho
pisando um solo que me é alheio.

Nesta jornada que não vejo o fim
me falta a força, a coragem, o plano
despedaçado como véu de espuma
que as águas tangem para o oceano

Longe, tão longe do meu berço amado
sem esperança de voltar talvez
de passo em passo nesta longa estrada
do imenso mundo que o eterno fez.

Sinto a distância me fazer sofrer
sinto o desgosto me roubar a calma
sinto a saudade me ferir o peito
sinto o remorso me afogar a alma

que tantos erros cometi na vida
que tanto fiz, pra sofrer agora
expatriado qual judeu errante
perambulando pelo mundo afora

Não tenho pão,, para matar-me a fome
não tenho água, pra matar-me a sede
vivo ao ar livre, por faltar-me abrigo
durmo no chão por faltar-me a rede

Labim/UFRN

HOMENAGEM AO CASTELO DE ENGADY

Te saúdo Castelo de Engady
pela tua estrutura e construção
te comparo a caverna de Odilão
moradia secreta de Davi

Teu silêncio aparenta a solidão
que pisou o guerreiro Abisaí
a virtude de Deus está em ti
como esteve na tenda de Abraão

Para dar um exemplo a nossa gente
na rudeza do campo espinascente
te ergueste na face da espilite

Vim aqui com o fim de admirar-te
informar teu estilo em qualquer parte
e traçar-te elogios sem limite

Labim/UFRN

Divino Deus, pai onipotente
lá das alturas, ouça meu pedido
quero voltar para minha terra
quero morrer onde fui nascido.

(Homenagem a Safo - poetisa grega)

Labim/UFRN

O POÇO DE SANTANA EM CAICÓ

Poço soberbo, gigante
Que a natureza criou
Fonte viva exuberante
Que o tempo nunca secou
Quem a ti acrescentou
Este poço de Santana
Foi por força sobre-humana
Ou herança na verdade
Da religiosidade
Da família lusitana

Dos primeiros habitantes
Foste o acervo dos banhos
Marco de lendas constantes
Sobre animais estranhos
Abasteceste os rebanhos
Dos antigos criadores
Primitivos moradores
Viveram e morreram aqui
Mas deixaram sobre ti
A glória de mil pendores

Fonte que a muitas vivendas
Nunca água lhes negou
Cenário de muitas lendas
Que o tempo nunca apagou
Quem de ti se aproximou
Encontrou seguro abrigo
Venceste o tempo inimigo
Nunca ficaste na lama
Serviste de panorama
Aos olhos do povo antigo

Tú és poço de Santana
Orgulho de Caicó
Tua Origem se irmana
À do Poço de Jacó
Pois o Rio Seridó
Aterrar-te não aceita
Tua forma é tão perfeita
Que a própria areia do rio
Rola fazendo desvio
Passa ao largo e te respeita

Assistente no passado
Na época dos tempos idos
Que um lugarejo isolado
Dos centros desenvolvidos
Alguns prédios sendo erguidos
Mas de forma diferente
Caras de estranha gente
Que aqui aparecia
Sem saber como seria
A Caicó do presente

O te passado oferece
Um suntuoso critério
Jamais ouve quem pudesse
esvendar o teu mistério
Desde o Brasil Império
Que o homem aqui chegou
Fronteiras atravessou
Vencendo grande distância
Devido a tua abundância
Satisfeito aqui ficou

Testemunhas a ação
Da bravura dos nativos
Assististe a servidão
Dos pobres negros cativos
Homens brancos atrativos
Que aqui se alojaram
De te muito precisaram
Pela visual potência
Em face à sobrevivência
No arraial que fundaram

O teu nome apareceu
Na remota antiguidade
A tua fama cresceu
Pela naturalidade
A tua infabilidade
Consta no tempo presente
Que tu fôste antigamente
O apanágio do povo
E poderá ser de novo
Quem sabe, futuramente.

Labim/UFRN

TROVAS:

Quem não pensa pra fazer
tenta fazer sem pensar
finda botando a perder
o que quis realizar

Meu Deus, Meu Deus. Senhor meu
minh'alma, o mundo condena
mas que culpa tenho eu
de amar mulher morena?

Paz é palavra sublime
orgulho de uma nação
aonde perdura o crime
não pode haver união

Enquanto por todo o mundo
se alastra o crime fatal
surge João Paulo II (Segundo)
pedindo paz mundial

Noé viveu muitos anos
Matuzalém viveu mais
quando havia menos danos
e o homem vivia em paz

Os homens se enfureceram
Durante a segunda guerra
muitos desapareceram
porque faltou paz na terra.

Labim/UFRN

TROVAS

Saudade que me maltrata
nesta solidão sem fim
vá dizer àquela ingrata
que não esqueça de mim

Enquanto o povo se irmana
na Região Seridó
nossa Senhora Santana
abençoa Caicó

Da flor se colhe o perfume
da mulher se colhe amor
na mulher há mais ciúme
do que perfume na flor.

A saudade é como a traça
corta que a gente não sente
quanto mais tempo se passa
mais ela estraçalha a gente

Para que o mundo cresça
e os homens sejam iguais
é preciso que apareça
justiça, progresso e paz

Labim/UFRN

TROVAS - Tema: A BÍBLIA

Quem lê a Bíblia com fé
Ama a Deus de coração
Vê Jesus de Nazaré
Nos mostrando a salvação

A Bíblia é realidade
Nos conforta, nos inspira
Melhor morrer na verdade
Do que viver na mentira

O homem que tem encontrado
Vestígios dos tempos idos
Na Bíblia, o Rastro Sagrado
Dos grandes acontecidos

Na Bíblia vê-se os maltratos
Que Cristo sofreu na cruz
A fraqueza de Pilatos
A pureza de Jesus

A Bíblia estampa o semblante
Do Deus menino em Belém
A entrada triunfante
De Cristo em Jerusalém

Na Bíblia (Santa Escritura)
Caminho da redenção
É que o homem procura
A estrada do perdão

Quem tem a Bíblia completa
Velho e novo Testamento
Encontra em cada profeta
Maravilhoso talento

A Bíblia doz que Maria
A virgem de Nazaré
Resolveu um certo dia
Ser esposa de José

Quem duvida da grandeza
De Cristo, Rei dos judeus
Na Bíblia encontra a clareza
Da existência de Deus

Diz a Bíblia que Jesus
Curou cegos e aleijados
Morreu cravado na cruz
Prá remir nossos pecados.

Caicó(RN), 19 de agosto de 1980

Labim/UFRN

O trovão estremece no nascente
Ruge a onça na serra, treme a serra
Muge o touro no campo, a cabra berra
O relâmpago faísca em nossa frente
Com os montes a lua fica rente
Uma sombra obscura a terra invade
É aí a maior realidade
Que Deus faz o que quer em meia hora
Quando a lua se esconde o sertão chora
E o poeta se enche de saudade.

No sertão o luar do mês de agosto
Tem beleza do rosto de uma fada
Faz a moça ficar apaixonada
E o medroso tornar-se mais disposto
A pessoa que tem algum desgosto
Sente a alma com mais serenidade
Respeitando de Deus a majestade
A tristeza do peito joga fora
Quando a lua se esconde o sertão chora
E e poeta se enche de saudade.

As seis horas da tarde o tangerino
Vem chegando no coice da boiada
Se despede do campo a passarada
Na capela da vila brada o sino
Numa estrada deserta, o assassino
Imagina na sua crueldade
O mendigo lá fora da cidade
Num mocambo de folhas se escora
Quando a lua se esconde o sertão chora
E o poeta se enche de saudade.

Os seus raios não são abrasadores
Dão mais vidas às flores da floresta
Companheira das noites de seresta
É rainha do céu dos trovadores
Suas noites são cheias de amores
Seu semblante tem muita castidade
Quem implora um amor por caridade
No silêncio da noite lhe namora
Quando a lua se esconde o sertão chora
E o poeta se enche de saudade.

Labim/UFRN

MOTE

Quando a lua passeia vagarosa
Uma estrela se apaga outra se acende
Uma nuvem rasgada se estende
Passa o vento beijando numa rosa
A montanha parece temerosa
Com insetos de toda qualidade
O tatu que não faz perversidade
Só procura sair fora de hora
Quando a lua se esconde o sertao chora
E o poeta se enche de saudade.

Onze e meia da noite em uma festa
No alpendre de uma fazendola
Se escuta o gemido da viola
Diz um velho sorrindo a hora é esta
Quero agora saber quem é que presta
Num martelo valente de verdade
Que eu quero voltar com brevidade
Enquanto o claro da lua 'inda está fora
Quando a lua se esconde o sertão chora
E o poeta se enche de saudade.

O caboclo da roça não se emporta
Com espinho, com chuva e terra quente
Só à noite se senta no batente
Olha a lua que tanto lhe conforta
Quando o brilho não entra pela porta
Melancólico se deita sem vontade
No silêncio da taciturnidade
Só o vento remexe pela flora
Quando a lua se enconde o sertão chora
E o poeta se enche de saudade.

Uma vela queimando num altar
Uma velha tirando uma novena
O olhar palpitante da morena
Se mistura ao brilho do luar
Um balão sem destino pelo ar
Incendeia na alta imensidade
Opaquece da lua a claridade
Um vaqueiro aboiando vai embora
Quando a lua se esconde o sertão chora
E o poeta se enche de saudade.

Labim/UFRN

1.3.2. Revistas

. Tempo Universitário, Revista de Cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, vol. 1 n. 2 1976

. Revista Brasileira do Folclore, MEC, ano IX nº 24 Maio/agosto de 1966.

. Revista Norte-riograndense de Folclore. Vol. 1 n. 1, Junho - 1979. p. 1 - 95.

. Revista Bimestral do Ministério do Interior. Ano VII - nº 38 - Maio/junho de 1981.

. Revista Cultura, MEC - Ano 10, nº 36 - Ab./Jun. 1981

2. BIBLIOGRAFIA

. ALMEIDA, Átila Augusto F. de e SOBRINHO, José Alves. Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancadas. João Pessoa Editora Universitária, 1978. 1º e 2º Volumes

. MARIZ, Vasco, A canção Brasileira, 3a. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1977.

. PORFÍRIO, Alberto, Poetas Populares e catadores do Ceará. Brasília: Horizonte editora limitada, 1978

. SÁ, Odilon Nunes de, Detalhe de um poeta

. CARVALHO, Rodrigues de, Cancioneiro do Norte. 3a. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.

. MAXADO, Franklin, O que é Literatura de Cordel? Rio de Janeiro. Editora Codecri, 1980.

. LINHARES, Francisco e BATISTA, Otacílio, Antologia Ilustrada, Fortaleza, 1976

. MOTA, Leonardo, Cantadores. 4a. ed. Rio de Janeiro: Editora Cátedsa, 1976.

. SOBRINHO, Antonio, Encontro com a Natureza. Caicó, Gráfica Santana, 1980.

. CASCUDO, Luis da Câmara, Civilização e Cultura. Brasília: Editora José Olympio, 1973

. CASCUDO, Luis da Câmara, Geografia dos Mitos, 2a. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976.

. CASCUDO, Luis da Câmara, Folclore do Brasil, 2a. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1980.

Labim/UFRN

. CASCUDO, Luis da Câmara, Viajando pelo Sertão, 2a. ed. Natal: Gráfica Marimbu, 1975.
. LAURENTINO, José, Poesia do Sertão. Olinda: Fundação Casa das Crianças de Olinda, 1980.
. COELI, Miriam, Cantigas de Amigo, Natal: Editoral Carlos Lima, 1981.
. MAIOR, Mário Souto, Painel Folclórico do Nordeste, Recife: Editora Universitária, 1981.
. CASCUDO, Luis da Câmara, A Vaquejada Nordestina e sua Origem, Natal: Fundação José Augusto, 1976.
. JÚNIOR, Luis Tavares, O Mito na Literatura de Cordel, Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1980.
. JÚNIOR, M. Diegues, Literatura de Cordel, 2a. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1977.
. LUCENA, Moacir, Lixívia e Rimas a êsmo. Natal: novembro de 1979.
. CUNHA, Artéfio Bezerra da, Memórias de um Sertanejo, Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971.
. LAMARTINE, Juvenal, Velhos Costumes do meu Sertão, Natal: Fundação José Augusto, 1965.
. PRAXEDI, Zé, Meu Siridó, 2a. ed. Natal: Artes Gráficas e Publicidade Ltda. 1979.
. BATISTA, Sebastião Nunes, Antologia da Literatura de Cordel. Natal: Fundação José Augusto, 1977.
AUGUSTO, José, O Rio Grande do Norte. Brasília, 1980.
MEDEIROS, José Augusto Bezerra de, Seridó, Brasília, 1980.

Labim/UFRN

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

1.1. Orais

NASCIMENTO, Cícero Manoel (Cantador)

MOTA, Francisco Fernandes da (Cantador)

SILVA, Lúcio da (Cantador

OLIVEIRA, Francisco Fabrício de (Cantador)

1.2. Manuscritas

. Porque deixei de beber

. Como se deve votar

. Como o livre fica aativo

. O poço de Sant'Ana em Caicó

. Homenagem a Nossa Senhora Sant'Ana - Padroeira de Caicó

. O pobre cego (soneto)

. Saudade da minha terra (poema)

. Homenagem ao Castelo de Engady (soneto)

. Trovas

. Mote

. Velhice (Dez de queixo caído)

. Dia das mães (poema)

. Uma seca no sertão (gemedeira)

. Pesquisas Nordestinas

. Brasil Caboclo

. Não queremos violência (sextilhas)

1.3. Impressas

1.3.1. Folhetos

. Homenagem a Frei Damião, o Santo do Nordeste

. A seca no Nordeste

. O sofrimento do jumento

. A história da Psiquiatria em Caicó

. Os martírios de Genoveva

Labim/UFRN

VELHICE (DEZ DE QUEIXO CAÍDO)

O velho quando cansado
Com o peso da idade
Chora sentindo saudade
Pensando no seu passado
Só pode andar escorado
Cada passo é um gemido
O corpo todo doído
Um pigarro na garganta
Não assovia, nem canta
Nos dez de queixo caído.

Tem velha que se levanta
E sai tremendo da rede
Se pegando na parede
Falando em nome de santa
Depois que termina a janta
Não pensa mais no marido
Bota uma lã no ouvido
Fica do mundo esquecida
Só pensa no fim da vida
Nos dez de queixo caído.

Velhice é folha caída
Da árvore da existência
Quando vem a decadência
Todo prazer se liquida
A noite lhe intimida
Acha que o dia é comprido
Vive assim nesse alarido
Pede a morte toda hora
Quando sonha, acorda e chora
Nos dez de queixo caído.

Quem foi vaqueiro em outrora
Quando não sai mais da cama
Sente saudade da rama
E a passarada na flora
Onde botava a espora
Vê o mocotó ferido
Olha o gibão esquecido
No armador pendurado
E o seu prazer sepultado
Nos dez de queixo caído.

Depois de envelhecer
Um craque de futebol
Tiram seu nome do rol
Ele começa a descer
O técnico não quer saber
Do gramado é excluído
O que ganha é reduzido
Finda comendo de esmola
Nunca mais pega na bola
Nos dez de queixo caído.

O viúvo desprezado
Com setenta e cinco anos
Não dorme fazendo planos
Porém, só faz plano errado
Anda todo inteiriçado
O rosto muito encolhido
Inda pensa em ser querido
Peleja, mas não conquista
Careca, faltando a vista
Nos dez de queixo caído.

Desse jeito é o artista
Quando não faz mais sucesso
Um avião de regresso
No horizonte ele avista
Sai a foto da revista
Seu público fica escondido
Se for ao palco é perdido
Termina o povo vaiando
Vai cantar, volta chorando
Nos dez de queixo caído.

Como o homem vai ficando
Em uma idade avançada
Sente a matéria cansada
Nota o coração parando
O espinhaço envergando
Geme com o pé desmentido
Fica perdendo o sentido
O cabelo muda a cor
Tudo pra ele é pavor
Nos dez de queixo caído

O velhinho agricultor
Trabalhador da mão grossa
Depois que cansa na roça
Vai se valer do doutor
Dizendo: é tanta dor
Parece que estou rendido
Tem doutor aborrecido
Que não quer nem atender
Ficou velho é pra sofrer
Nos dez de queixo caído.

O professor na escola
Dá de si tudo que tem
Pensando em fazer o bem
Do jeito que fez Loiola
Mas a velhice engaiola
Qualquer professor sabido
Depois que fica detido
Abandona o magistério
Termina no cemitério
Nos dez de queixo caído.

Dept°. História - NEH
ACERVO BIBLIOGRÁFICO
Labim/UFRN

Labim/UFRN

Autor: COSTA, Veraluce V. da.

Título: Os patos morreram?

Devolver em	NOME DO LEITOR